



LSPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**INTERVENÇÃO PARA REDUÇÃO DE
PRECONCEITO RACIAL**

UMA ABORDAGEM NO MUNDO DIGITAL

Madalena André

Orientador de Dissertação:

PROF. DOUTORA TERESA GARCIA-MARQUES

Co-Orientador de Seminário de Dissertação:

PROF.DOUTORA MARIANA MIRANDA

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROF. DOUTORA TERESA GARCIA-MARQUES

Tese Submetida como Requisito Parcial para a Obtenção do Grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia SOCIAL E DAS ORGANIZAÇÕES

2018

**Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de
PROF. DOUTORA TERESA GARCIA-MARQUES no ISPA –
Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre
na especialidade de Psicologia Social e das Organizações.**

Agradecimentos

Antes de mais um grande agradecimento a todas as pessoas que fizeram parte deste percurso. Em primeiro lugar às minhas orientadoras de dissertação. À professora Teresa Garcia Marques por todo o apoio prestado ao longo deste ano letivo, pela oportunidade de ter um trabalho desafiante e motivador. À professora Mariana Miranda pela motivação e pela força a ultrapassar os obstáculos resultantes deste processo. Mas especialmente um agradecimento a ambas pela oportunidade de trabalhar de forma tão desafiante, por toda a paciência e apoio.

Obrigada a todos os meus colegas, amigos e familiares, pela força para nunca desistir e para realizar os meus objetivos.

Um especial agradecimento a todos os envolvidos que me possibilitaram esta oportunidade de trabalho de campo com tantos intervenientes, um especial obrigado ao agrupamento de escolas Matilde Rosa Araújo, e Frei Gonçalo de Azevedo. Obrigado também aos alunos que fizeram parte deste estudo, pela paciência e pelo apoio.

Resumo

Dois estudos avaliam a eficácia de uma estratégia de intervenção para redução de preconceito a nível de atitudes implícitas e explícitas, através de um Jogo. No primeiro estudo é avaliada a eficácia do Jogo quando operacionaliza o processo de descategorização (Brewer & Miller, 1984) e quando operacionaliza o processo de recategorização (Gaertner *et al*, 1989). O estudo foi realizado junto de jovens de elevado estatuto étnico em condições de assimetria intergrupar e estruturado de acordo com um desenho experimental de 3 (controlo vs descategorização vs recategorização) tendo como medidas dependentes a atitude implícita (medida com um IAT) e uma medida de atitudes explícita. Os resultados demonstram uma eficácia relativa ao grupo controlo, apenas com medida implícita e do Jogo que operacionalizou a descategorização. No segundo pediram-se aos participantes para jogar o Jogo de descategorização e adicionou-se uma medida explícita estruturada: a escala de racismo moderno. Os dados obtidos não replicaram o primeiro estudo, não se verificando nenhuma evidência na eficácia na redução do enviesamento intergrupar em qualquer das medidas usadas.

Palavras-chave : modelo da descategorização, modelo da identidade endogrupal comum, redução do enviesamento intergrupar, intervenção social digital.

Abstract

Two studies evaluate the efficiency of an intervention strategy to reduce the prejudice to a level of implicit and explicit behaviors by the use of a game. In the first study, the efficiency of the game is evaluated when the process of uncategorization is operationalize (Brewer & Miller, 1984) and when the process of recategorization is operationalize (Gaertner et al, 1989). The study was performed among young people of an elevated ethnical status in intergroup asymmetry conditions and structured according to an experimental design of 3 (control vs uncategorization vs recategorization) having as dependent measures the implicit behavior (measured as IAT) and one measure of explicit behavior. The results show the efficiency related with the control group only as a structured implicit measure and of the game that operationalize the uncategorization. In the second study, the participants were asked to play the uncategorization game and it was added an explicit structured measure: the scale of the modern racism. The collected data do not replicate the data from the first study and it was not verified any evidence in the efficiency of the reduction of the intergroup bias in any of the used measures

Keywords : descategorization model, common intergroup model, reducing intergroup bias, digital app intervention

Índice

Introdução	1
Preconceito	2
Preconceito Implícito e Explícito	2
Racismo Moderno	3
Hipótese de Contato	4
Redução de Preconceito	5
Método	9
<i>Participantes e design</i>	9
Operacionalização das estratégias de intervenção: o Jogo	10
<i>Jogo</i>	10
<i>Condição Controlo</i>	10
<i>Condição de Descategorização</i>	12
<i>Condição de Recategorização</i>	14
Instrumento	16
TAI	16
<i>TAI Versão papel e lápis</i>	18
<i>Medida Explícita</i>	19
Procedimento	20
<i>Procedimento experimental na condição de controlo</i>	20
<i>Análise Descritiva</i>	22
<i>Relação entre medidas implícitas e explícitas</i>	22
Teste de Hipóteses	23
<i>Medida Implícita</i>	23
<i>Medida Explícita</i>	23
Estudo 2	23
Método	23
<i>Participantes e design</i>	23
Operacionalização de intervenção: Jogo	24
Instrumento	26
Resultados	27
<i>Análise descritiva</i>	27
<i>Relação entre medidas implícita explícita</i>	27
Teste de hipóteses	27
<i>Medida Implícita</i>	27

<i>Medida Explícita</i>	28
<i>Análise Confirmatória</i>	28
Discussão Geral	29
Limitações e estudos futuros	32
Referências	34
Anexo A-Revisão de literatura	36
Conceções acerca de Estereótipo	36
Teoria da Auto Categorização	38
Teoria dos conflitos realistas	39
Paradigma dos grupos mínimos	40
Modelos de Redução de Preconceito	40
Referências	42
Anexo B –Estudo 1 - Medida Implícita- Condição controlo e condições experimentais (descategorização e recategorização)	43
Anexo D- Estudo 1A - Condição controlo e condições experimentais (descategorização e recategorização)-Medida Implícita- Versão B	54
Anexo D- Questionários utilizados medida explícita-Estudo 1 - Medida Explícita- Condição controlo	61
Anexo E- Estudo 1 - Medida Explícita- Condições experimentais	64
Anexo F- Estudo 1A- Medida Explícita- Condição Controlo	67
Anexo F- Estudo 1A- Medida Explícita- Condições experimentais	71
Anexos G- Outputs das análises estatísticas efetuadas	75
Output 1- Estatística Descritiva relativo à idade e género da amostra total	75
Output 2- Estatística descritiva idade género da amostra (sem etnia negra)	75
Output 3- Distribuição valor médio do Score do TAI	76
Output 4- Correlação entre score do TAI e Item 1	76
Output 5- Distribuição valor médio do Item 1	77
Output 6- Distribuição valor médio Item 2	77
Output 7-Distribuição valor médio do Item 1	77
Output 8- Correlação entre score do TAI e Item 2	77
Output 9- ANOVA (controlo vs descategorização vs recategorização)	78
Output 10- T-Student (controlo vs descategorização)	78
Output 11- Teste T- Student (controlo vs recategorização)	78
Output 12- Teste T- Student (descategorização vs recategorização)	79
Output 13- Teste Kruskal-Wallis para o Item 1 por condição	79
Output 15- Distribuição valor médio idade amostra total estudo 1A	80

Output 16- Distribuição variável etnia amostra total estudo 1A	80
Output 17- Distribuição de amostra parcial em género, etnia, e idade (sem negros) estudo 1A	80
Output 18- Distribuição valor médio score TAI.....	81
Output 21- Distribuição valor médio Item 1.....	82
Output 22- Distribuição valor médio Item 2.....	82
Output 23- Distribuição valor médio Escala de racismo moderno.....	82
Output 24- Correlação entre Score de TAI e Item 1.....	83
Output 25- Correlação entre Score de TAI e Item 2.....	83
Output 26- Teste T-Student de Score TAI (controlo vs descategorização)	83
Output 27- Teste de Mann Whitney ao Item 1 por fator	84
Output 28- Teste T-Student de Escala de Racismo Moderno (controlo vs descategorização) ..	85
Output 29- Análise Confirmatória a dois fatores Escala de Racismo Moderno.....	85

Índice de tabelas

Tabela 1	11
Tabela 2	13
Tabela 3	15
Tabela 4	17
Tabela 5	19
Tabela 6	25

Introdução

A crise de refugiados na Europa atingiu um nível crítico no ano de 2015. Milhares de refugiados procuraram novas oportunidades e melhores condições de vida na Europa Ocidental. Esta crise migratória que afeta principalmente a Europa e os seus estados membros vem desafiar a comissão europeia e representantes de cada país na sua capacidade de asilo, tolerância e principalmente aceitação. Países da Europa de Leste como Eslováquia, Polónia, República Checa, assim como o Reino Unido não facilitam a entrada de refugiados no seu país, considerando este fluxo migratório como potencialmente perigoso.

Em março de 2018 o alto comissário da ONU para os direitos humanos (Zeid Ra'ad Al-Hussein) mostrou preocupação pelo discurso de países como a Áustria, Polónia e Hungria, onde o incitamento ao ódio, xenofobia e racismo é dominante do discurso e intervenção política. Com uma europa em crise, onde o índice de racismo biológico assume os 29,2 % e o racismo cultural¹ os 44%, surgem intervenções sociais para responder a este problema.

A investigação em psicologia social tem sugerido algumas formas de intervir com vista à redução destes níveis de preconceito. Entre estas salienta-se o de gerar processos de descategorização (Brewer & Miller, 1984), e o de gerar o desenvolvimento de uma identidade endogrupal comum (Gartener *et al.*, 1989). Existe necessidade de operacionalizar estes processos de forma integrada na vida do dia a dia das pessoas, sendo a via mais disponível hoje em dia a comunicação digital. O uso das redes sociais funciona hoje em dia como uma ferramenta útil que atinge massas de população de adultos, jovens e crianças. Desde vídeos que percorrem o *youtube* (TV2|All That We Share) com milhões de visualizações a programas de educação online para crianças (All Together Now) são muitas as intervenções de sensibilização e intervenção social que destacam a xenofobia e principalmente o racismo. Em Portugal a média de racismo cultural sobe para os 54,1%, onde de acordo o professor Jorge Vala, assume um nível alto de racismo. Dado estes índices considero de extrema relevância a implementação de uma intervenção social de redução de preconceito racial. Sugerimos a operacionalização de processos de redução de preconceito por uma intervenção em formato digital pela facilidade, utilidade e possibilidade de alcançar um maior número de utilizadores. Para o efeito

¹ O racismo biológico e o racismo cultural baseiam-se na crença de hierarquização de seres humanos baseado em fatores biológicos e culturais, respetivamente

desenvolveu-se uma aplicação para smartphone. Neste trabalho estudamos a eficácia desta intervenção; verificando o impacto de uma intervenção social de redução de preconceito num contexto educacional através da operacionalização de dois modelos de redução de preconceito: descategorização (Brewer & Miller, 1984), e modelo da identidade endogrupal comum (Gaertner *et al*, 1989).

Preconceito

Segundo Allport (1954) podemos definir preconceito como “(...) uma atitude aversiva ou hostil contra uma pessoa que pertence a um grupo, simplesmente porque ela pertence a esse grupo, presumindo-se, portanto, que ela tem as características censuráveis atribuídas a esse grupo (...)”. O preconceito como componente afetiva do modelo de relações intergrupais, transmite uma ideia injustificada em relação ao indivíduo, mas também ao grupo onde se encontra inserido. Existe uma forma de expressão de preconceito que se distingue e é dirigida a grupos específicos baseado nas suas características físicas: o preconceito étnico. O autor considerava que no que diz respeito ao preconceito étnico “(...) é uma antipatia baseada numa generalização errada e inflexível. Pode ser sentida ou expressa. Pode ser dirigida contra um grupo no seu todo ou contra um indivíduo, por ele ser membro desse grupo” (Oliveira Lima & Vala, 2004). Quando se “(...) cede uma generalização errada de uma categorização (...)” existe uma facilidade na adoção de atitudes de cariz preconceituoso. A base dos pré-julgamentos reside na formação de categorias. Algumas características do processo de categorização residem na formação de classes extensas de objetos, ideias e pessoas que nos permitem simplificar toda a informação a que estamos expostos no nosso quotidiano (Marques, Páez, & Pinto, 2013).

Preconceito Implícito e Explícito

Existem várias formas de expressão de preconceito. Uma expressão a nível de atitudes implícitas e uma expressão a nível de atitudes explícitas. As duas podem ser distinguidas de forma simples. Enquanto o preconceito implícito foge do controlo, i.e opera em mecanismos cognitivos automáticos, o segundo é expresso de forma controlada. Para medir o nível de preconceito podemos contar com a utilização de medidas implícitas de atitudes e medidas explícitas. Enquanto a primeira surge de forma automática e rápida, a segunda manifesta-se conscientemente e lentamente. Deste modo surge uma necessidade de medição distinta destas atitudes. A nível implícito é normalmente utilizada uma tarefa de avaliação automática, tarefa

de avaliação de adjetivos, ou o teste de associação implícita proposto por Greenwald (1998) que conta ser o teste mais fiável na avaliação de atitudes implícitas. Quanto à medição explícita de preconceito podemos contar com o uso de questionários. Apesar de haver um consenso na utilização de ambas as medidas, existe a dúvida acerca de se ambas medem o mesmo construto (Akrami, 2005). Estes dois tipos de atitudes estão dissociados prevendo diferentes tipos de comportamentos. Deste modo ambas predizem comportamento, mas de diferentes tipos. Como já acima enunciado as atitudes implícitas geram respostas difíceis de monitorizar ou controlar, enquanto que as atitudes explícitas delimitam respostas deliberadas (Dovidio, Gaertner, & Kawakami, 2002).

Quanto á relação entre medidas implícitas de preconceito e medidas explícitas podemos ter em atenção algumas considerações. Greenwald (1998) para testar a associação entre medidas implícitas e medidas explícitas de preconceito aplicou o teste de associação implícita seguido de medidas explícitas de preconceito num conjunto de participantes. De acordo com os seus resultados não foi confirmada a relação entre os dois tendo sido postulado que não mediam o mesmo construto. Porém existem evidências de que os dois medem a mesma expressão de preconceito, e que existe uma relação entre o teste de associação implícita e medidas explícitas de preconceito. Quando aplicadas medidas explícitas de preconceito seguidas de medidas implícitas de preconceito, de modo a controlar o efeito de desabilidade social, os resultados apontam para uma correlação entre as duas medidas. Mediriam deste modo o mesmo construto. Estes resultados vão contrapor os postulados por Greenwald (1998) onde não foi averiguada esta relação sendo que esta diferença poderia dever-se a disparidades metodológicas, o que tal não foi confirmado pois a ordem da tarefa não foi manipulada (McConnell & Leibold, 2001).

Racismo Moderno

Apesar de relacionados os conceitos de racismo e preconceito étnico, estes apresentam princípios bem distintos. Enquanto que de acordo com Allport (1954) o preconceito preconiza uma antipatia ou atitude hostil perante um grupo ou membro de um grupo minoritário socialmente, o racismo estende-se a uma atitude de hierarquização, exclusão e discriminação contra um individuo de certo grupo ou de um grupo, com certas características fenotípicas, herdadas geneticamente. As diferenças entres estes conceitos são notórias. Das principais diferenças encontradas reside o fato de enquanto o preconceito se revela apenas uma atitude

desfavorável quanto a um indivíduo, ou grupo, o racismo engloba a discriminação, exclusão social. Existem variadas formas de expressão de racismo, sendo importante evidenciar uma forma particular de racismo, que recorre atualmente. O racismo moderno é um tópico bastante discutido nos últimos anos, em que preconiza uma nova forma de racismo, e uma nova forma de influência do racismo. As normas sociais possuem um papel inibidor em expressões de racismo públicas dos indivíduos. O racismo moderno surge de uma necessidade de poder medir estas atitudes raciais dos indivíduos (Oliveira Lima & Vala, 2004).

Hipótese de Contato

Os modelos de redução de preconceito têm um impacto direto na expressão de preconceito racial. Alguns dos modelos mais reconhecidos assumem-se como o modelo de descategorização (Brewer & Miller, 1984) e o modelo da identidade endogrupal comum ou recategorização (Gaertner *et al.*, 1989). Ambos preconizam um contato direto com membros do exogrupo, favorecendo uma descategorização do mesmo ou uma recategorização grupal. Esta interação influencia diretamente a percepção percebida por membros do endogrupo relativamente a membros do exogrupo (Rebelo, Matias, & Monteiro, 2002).

Na base destas interações está o contacto. Como Allport (1954) postulou, o contacto entre indivíduos de grupos distintos seria a condição necessária para a criação de uma atração interpessoal, sendo que esta atração decorreria de um processo de grau de semelhança percebido. Existem ainda certas condições para a situação de contacto mostrar-se benéfica no que diz respeito à redução de preconceito entre grupos: a mera participação em atividades com indivíduos do outro grupo poderá produzir este efeito. O contato entre membros em igualdade de estatuto (pelo menos no contexto da situação) demonstra resultados positivos na diminuição de preconceito percebida. Em condições ótimas deverá existir uma igualdade de estatuto externa (contexto de vida real) e interna (dentro do contato) (W.Allport, 1954).

Podemos concluir que o contato entre grupos adversários no que diz respeito à cultura, linguagem, crenças, tom de pele e nacionalidade tende a reduzir os estereótipos negativos reduzindo a percepção das suas diferenças. Concluímos que mais contato provoca menor conflito cultural e étnico (Forbes, 1997).

Redução de Preconceito

Existem diferentes abordagens no que toca aos processos de redução de preconceito. Na literatura temos vários modelos que preconizam esta redução, entre eles o modelo da descategorização (Brewer & Miller, 1984), o modelo da identidade endogrupal comum (Gaertner *et al*, 1989). Ambos os modelos possuem fortes evidências empíricas na redução do enviesamento intergrupar apesar de ambos operarem conforme diferentes mecanismos. Enquanto no primeiro modelo enunciado uma redução do enviesamento intergrupar é melhor conseguida através de um desfavorecimento endogrupal, i.e menor favoritismo por membros do endogrupo e maior perceção de igualdade entre os dois grupos, o segundo modelo opera consoante um processo de favorecimento de membros do exogrupo. Ambos reduzem eficazmente o preconceito com as suas limitações e operando em mecanismos de apoio diferentes (Rebelo, Matias, & Monteiro, 2002).

O modelo da descategorização inclui interações baseadas em relações positivas onde os indivíduos se relacionam um com o outro no que concerne aos seus interesses pessoais e habilidades ao invés de interesses caracterizados como importantes para o seu grupo. O cerne do interesse passa de um foro grupal para um foro pessoal: comparação com o outro substitui comparações entre grupos. Segundo a descategorização, quando os membros de dois grupos se percebem como indivíduos separados ou quando adquirem interações personalizadas que possibilitam uma aproximação entre os membros de cada grupo e até a possibilidade de desenvolverem uma relação de amizade, a validade dos estereótipos do exogrupo fica ameaçada e indeterminada conduzindo a que o preconceito intergrupar seja reduzido (Gaertner & Dovidio, 2000).

Ao contrário da descategorização, o modelo de identidade endogrupal comum ou recategorização, está desenhado não para reduzir ou eliminar a categorização (como no caso da descategorização), mas para reestruturar a definição de categorização de um grupo a um nível de maior inclusividade de modo a reduzir o nível de preconceito racial. Esta abordagem envolve criar ou aumentar a saliência da transversalidade dos membros de um grupo. Investigações recentes demonstram, que apesar da teoria de contacto de Allport postular que a redução de preconceito advém do contacto direto, o mesmo pode ser balanceado através do contacto indireto. O contacto indireto entre membros poderia resultar advindo de representações indiretas do contacto com o exogrupo assumindo um resultado eficaz. A recategorização envolve ainda o uso de pronomes como: nós ou nosso que demanda uma inclusividade grupal de ambos

os grupos. Os membros são organizados no espaço, reduzindo a saliência dos limites de cada grupo. Dá-se uma celebração de uma categoria comum *supraordenada* onde os membros de ambos os grupos pertencem (Gaertner & Dovidio, 2000).

Quanto á potência de cada modelo de redução de preconceito ou a sua maior ou menor eficácia teremos em conta algumas considerações. Primeiro será possível constatar que em ambas as condições, quando testadas experimentalmente confirmam que ambos os modelos são eficazes na redução de preconceito. Tanto a criação de uma identidade endogrupal comum como o modelo de descategorização operado pelo mecanismo da personalização ou individualização são eficazes na redução de enviesamento endogrupal.

Wilder (1978) demonstrou que através do processo de individualização o preconceito poderia ser reduzido. Num estudo conduzido pelo investigador 72 estudantes foram divididos entre grupos e informados que o comportamento característico do exogrupo era unânime ou então que existira um indivíduo distinguido pela maior parte dos membros do exogrupo. Na condição de unanimidade o preconceito expressado era superior à condição em que um dos membros do grupo era distinguido. Resultados demonstram também que a maneira como percebemos cognitivamente os membros do exogrupo (ou como grupo ou como indivíduos) afeta a expressão de preconceito relativamente aos mesmos (Wilder,1978).

Nos estudos de Ensari e Miller (2005) o processo de personalização foi manipulado de modo a averiguar a existência de diferenças no preconceito percebido pelos indivíduos. A informação acerca do desempenho dos grupos foi manipulada, sendo que na condição de alta personalização onde existiu uma apresentação inicial prévia, os participantes apresentaram um menor preconceito em relação a participantes na condição de baixa personalização (identificados apenas pelo nome próprio).

Rebelo, Matias e Monteiro (2002) também analisaram em crianças do 4º ano de escolaridade os efeitos dos modelos de redução de preconceito onde foi seguido o paradigma proposto nos estudos de Gaertner (1989). Os resultados mostraram que os estatutos dos grupos (baixo-estatuto vs alto-estatuto) dos grupos torna menos linear a o nível de eficácia de modelos de redução de preconceito. Apesar disso, e no que diz respeito ao modelo de descategorização, quando os indivíduos eram personalizados, ou seja quando esta interação entre membros de ambos os grupos era personalizada o enviesamento endogrupal foi reduzido.

As críticas dirigidas ao modelo de *descategorização* podem dividir-se em duas partes. Se uma está mais relacionado com a estabilidade temporal (capacidade de mudança de efeito), uma outra variante remonta para a generalização de atitudes positivas. Será deste modo difícil estender uma atitude positiva conseguida através de processos de personalização e individualização, para um nível grupal, i.e, será difícil estender uma avaliação positiva de um membro de um grupo, para o grupo representativo onde o mesmo se encontra inserido (Marques, Páez, & Pinto, 2013).

O modelo da recategorização ou identidade endogrupal comum proposto inicialmente por Gaertner e Dovidio (2000) tem como objetivo a redução de preconceito. O processo através do qual é realizado, pode ser concedido através de fenómenos onde a eliminação de categorizações grupais, mas também através da criação de uma categorização grupal supraordenada, como já mencionado anteriormente, é adquirida. Este modelo surge através de evidências experimentais e de laboratório propostas por Dovidio et al (1989) mas também através de provas correlacionais e empíricas (Marques, Páez, & Pinto, 2013).

Dois grupos, cada um com três participantes fizeram parte de um estudo no que concerne ao impacto da cooperação entre grupos. A variável manipulada foi o contato através da atribuição de avaliações intergrupais. O contacto foi manipulado numa condição de categorização simples, e numa condição de recategorização que visava a inclusão numa nova categoria. Esta situação foi controlada através de uma tarefa verbal. A tarefa consistia na atribuição de nomes diferentes aos dois grupos (categorização), e na atribuição de um nome inclusivo (recategorização). Uma tarefa de sinais de diferenciação dos grupos também foi ponderada (duas cores para os dois grupos vs uma cor para o outro grupo). Finalmente a presença e ausência de cooperação também foi considerada, assim como uma organização de contacto (frente-a frente vs mesa circular). Os resultados apontam que no caso da condição de dois grupos, quando introduzida uma situação de cooperação a situação foi percebida como um grupo (enviesamento endogrupal reduzido). Contrariamente a situações de descategorização, esta redução de enviesamento endogrupal, foi conseguida através de uma avaliação mais positiva dos membros do ex-exogrupo (Gaertner et al, 1990).

Existem algumas limitações e considerações nos modelos de redução de enviesamento intergrupar: o estatuto étnico. Em condições de assimetria intergrupar étnica (branco vs negro) é de esperar que o modelo de recategorização tenha um maior grau de eficácia. Em grupos de

baixo estatuto (negros) em situações de assimetria intergrupar seria de esperar que o modelo da identidade endogrupal comum fosse também mais eficaz a reduzir este enviesamento do que na condição de descategorização (Gaertner & Dovidio, 2000).

De acordo com Monteiro et al o modelo de recategorização em membro de baixo estatuto é eficaz na redução do enviesamento intergrupar. Apesar disto não parece correto concluir qual o melhor método da redução de preconceito pois ambos produzem o mesmo resultado, mas operando de maneiras diferentes (Rebelo, Matias, & Monteiro, 2002). Evidências demonstram que em situações de contato de assimetria intergrupar étnica os membros de baixo estatuto étnico têm tendência a piorar a imagem percecionada do próprio grupo. Nesta situação opera um mecanismo de redução do favorecimento endogrupal o que reduz o enviesamento intergrupar. Em membros de elevado estatuto étnico tende a aumentar o favoritismo relativo ao exogrupo, reduzindo deste modo o enviesamento endogrupal. Neste caso opera outro mecanismo de redução de enviesamento intergrupar: aumento do favoritismo do exogrupo (Yehuda, 1998).

Esta perceção de igualdade de estatuto surge num formato diferente quando se trata de comunicações eletrónicas ou digitais. Mesmo quando é conhecido e estabelecido o estatuto dos grupos, uma interação eletrónica tende a reduzir os efeitos diferenciais da perceção de estatuto, ao contrário de interação na vida real onde a perceção de um diferente estatuto de grupo é mais facilmente percecionada pelos membros do mesmo. Assim, quando se trata de uma interação eletrónica é importante notar que o estatuto dos grupos e a expressão interna dos mesmos não assumem tanto valor quanto num contexto de vida real (McKenna & Amichai-Hamburger, 2006).

Operacionalizando as abordagens via um jogo eletrónico

Neste trabalho, cada uma das duas estratégias de redução de preconceito será operacionalizada via o desenvolvimento de um jogo eletrónico. Será analisada de seguida a eficácia dos modelos de redução de preconceito em grupos de alto estatuto étnico em condições de assimetria intergrupar. Espera-se que ambos os modelos tenham eficácia na redução do preconceito racial, sendo um motivo de interesse aferir se existe algum modelo que surgindo neste formato poderá ser mais eficaz.

Estudo 1

Método

Participantes e design

118 estudantes portugueses que frequentam o agrupamento de Escolas Matilde Rosa Araújo participaram na avaliação de um jogo para um projeto de final de curso. Pertenceram a este estudo uma população específica de jovens estudantes tendo sido selecionados de acordo com a sua idade de modo a constituir um grupo de análise de interesse para a presente investigação.

Fizeram parte deste estudo 61 indivíduos do sexo masculino e 57 indivíduos do sexo feminino. Jovens estudantes que frequentam o 8º ano do ensino médio na área de São Domingos de Rana em que as suas idades encontram-se compreendidas entre os 13 e os 16 anos ($M=13,79$; $DP=2,15$) (ver output 1). No que diz respeito à etnia do conjunto de participantes da amostra, podemos constatar que 75% dos participantes se referem a etnia branca e 25% dos participantes a uma etnia negra.

Como o objetivo do estudo se refere ao impacto no preconceito racial negro em grupos de elevado estatuto étnico, foram excluídos 25% dos participantes de etnia negra. Contamos deste modo com 90 participantes de etnia branca cujas idades variam entre os 13 anos e os 16 anos, ($M=13,67$; $DP=0,76$) em que 48 participantes são do sexo masculino, e 44 do sexo feminino (ver output 2).

Neste estudo foi utilizado um design de 3 (controlo, descategorização, recategorização) fatores entre sujeitos, em que o *Jogo* surge como operacionalização da variável independente, sendo possível medir o seu impacto ao nível de preconceito racial negro. Nesta amostra farão parte da condição caracterizada como *controlo* 22 participantes, 38 participantes pertencentes à condição de descategorização e na condição de recategorização pertencem 34 participantes.

Operacionalização das estratégias de intervenção: o Jogo

Jogo

O jogo desenvolvido surge de uma adaptação de modelos específicos de redução de preconceito. No seguimento do processo de categorização , e dos modelos de redução de preconceito, em que foram utilizados para este estudo **o modelo de descategorização e o modelo de identidade endogrupal comum** segue-se uma readaptação dos seus pressupostos teóricos para um formato digital.

O jogo é **constituído por duas principais partes**. Uma parte comum ás três condições (controlo vs descategorização vs recategorização) e uma parte comum apenas ás condições experimentais.

A primeira parte do jogo que é comum a todas as condições inspira-se numa **série de perguntas**: o jogador escolhe entre duas opções de resposta, a sua preferida. Vejamos o seguinte exemplo: Preferes beber coca-cola ou sumo de laranja? Neste caso o jogador terá de escolher qual a opção com que melhor se identifica. Esta primeira parte aplica-se às três condições experimentais da intervenção. Na condição de descategorização e recategorização o que varia para com a **condição de controlo**, corresponde a uma **manipulação no feedback dado que constitui a segunda parte do jogo**.

Condição Controlo

No que concerne à condição de categorização que assumiu o papel da condição de controlo, foi utilizado o pressuposto teórico do processo de categorização. Como demonstrado na literatura, o processo de categorização preconiza a inserção de informação, proveniente de um meio social, em categorias. Estas categorias podem referir-se a coisas ou objetos, assim como pessoas e é ainda através do processo de categorização, que o ser humano organiza o seu meio social, e toda a vasta informação que do mesmo advém.

Deste modo e segundo os princípios base do processo de categorização, foi formado um certo tipo de questões que levam o individuo a auto categorizar-se, e inserindo-se numa certa categoria, quer seja a ela a de preferir sumo de laranja a coca-cola, ou preferir jogar *playstation* a *xBox*. O processo onde queremos cognitivamente colocar individuo é conseguido através

desta manipulação. De modo a reforçar este processo de categorização é feita uma pergunta inicial em cada sessão de jogo onde é pedido ao participante que escolha um avatar com o qual melhor se identifica. As opções de escolha variam entre Avatares do sexo masculino ou feminino, e Avatares de etnia negra ou branca.

O jogo desenvolve-se em 6 sessões (participante joga seis vezes). Em cada sessão existe uma versão diferente do jogo, sendo que o conteúdo e quantidade de questões varia de sessão para sessão. O número de perguntas por sessão variou entre 9 a 17. Consoante o feedback recebido pelos participantes quanto à dimensão do jogo que consideravam prazerosa jogar foi estabelecido e restabelecido qual o número de perguntas adequado. As perguntas utilizadas na primeira sessão encontram-se representadas na tabela abaixo.

Tabela 1

Exemplo de Questões

Q1: Qual a bebida que mais preferes?	Q4: Qual preferes utilizar?	Q7: Que animal gostas mais?	Q10: Com qual programa preferes ver as tuas séries?	Q13: Que tipo de música preferes ouvir?
Q2: Qual o aparelho que preferes utilizar para jogar?	Q5: Preferes cantar ou dançar?	Q8: Como preferes ouvir música?	Q11: A qual preferes ir?	Q14: Onde preferes ir?
Q3: Qual a tua marca favorita?	Q6: Qual preferes comer?	Q9: Com qual característica melhor te identificas?	Q12: Com que aparelho preferes jogar?	Q15: Com que aparelho preferes ouvir música?

Deste conjunto de questões faz parte uma questão de avaliação do jogo, colocada no final de cada versão. Esta questão (comum a todas as condições) ajudaria a despistar os participantes do verdadeiro conteúdo do jogo, evitando a perceção do que se estaria a manipular.

Condição de Descategorização

Nos sessões desenvolvidas para a condição de descategorização existe uma manipulação no feedback dado. A pessoa que executa o jogo terá de responder igualmente às questões acima apresentadas, sendo que a cada três questões aparece uma animação.

Este feedback que aparece em formato de animação irá ser representativo do modelo teórico respetivo à condição de descategorização. O modelo de redução de preconceito preconiza uma distinção cognitiva entre membros do endogrupo e do exogrupo. Esta distinção irá tornar-se cada vez mais ténue, através do cruzamento de categorias múltiplas. Os membros do exogrupo vão ser percecionados como membros distintos entre si possuindo as suas próprias características que resultam na sua distintividade. Através de processos de individualização e personalização o nível de preconceito é reduzido.

De acordo com este pressuposto teórico foi então criada uma animação que possa traduzir cognitivamente o que foi acima descrito. Nesta animação é possível ver vários Avatares negros e brancos, do sexo masculino e do sexo feminino. Estes Avatares encontram-se divididos em dois círculos distintos. Em cada círculo existe um número variável de Avatares com distribuição étnica e de género variável. O círculo surge como representação de cada grupo distinto. A cada três perguntas aparecem estes dois círculos representativos de dois grupos distintos: um grupo que respondeu como eu à pergunta anterior, e outro círculo que representa os jogadores que responderam de forma diferente. Segue-se outro conjunto de questões, e outra animação. Desta vez os Avatares que estavam no grupo de jogadores que responderam como eu, estão agora no outro grupo.

À medida que as questões vão avançando e à medida que as animações vão aparecendo (a cada três questões) o participante verá que os Avatares se encontram sempre a mudar de grupo. À medida que o jogo vai avançando as linhas que definem o círculo vão desvanecendo até que na última animação os dois grupos distinguidos por dois círculos e seus limites desaparecerão.

No final do jogo e após um último frame da animação o participante verá que já não existem círculos delimitativos e que cada Avatar possui as suas características próprias e individualizadas. Na tabela abaixo processo pelo qual foi desenhado este jogo encontra-se melhor explicitado.

Tabela 2

Jogo Descategorização

Descrição de etapas do Jogo	Exemplo
Escolha Avatar: Com qual do Avatar melhor te identificas?	
Conjunto de questões: Preferes beber sumo ou coca-cola?	
Animação: Vê quem respondeu como tu ás perguntas do Jogo	
Conjunto de questões: Com qual aparelho preferes jogar?	
Animação: Vê quem respondeu como tu ás perguntas do Jogo	
Conjunto de questões: Com que aparelho preferes ouvir música?	<p data-bbox="837 1624 1173 1646">Com que aparelho preferes ouvir música?</p> 

Animação: Todos temos o nosso perfil único!



Avaliação do Jogo

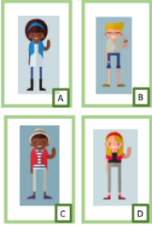


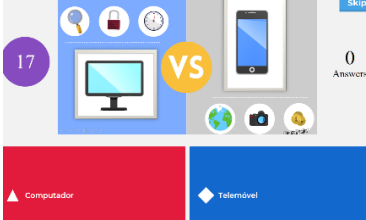





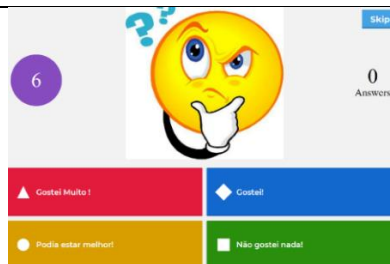
Condição de Recategorização

No que concerne á **condição de Recategorização** existirá igualmente um feedback dado, mas a animação irá preconizar uma adaptação do modelo teórico de redução de preconceito através da recategorização, e pela acentuação de semelhanças. A animação é realizada no mesmo formato da condição de descategorização, começando também da mesma forma, em que aparecem dois grupos distintos constituídos por Avatares representativos de pessoas de etnia brancas e negra. A ambos os grupos possuem uma fronteira bem delimitada. Num dos grupos aparece figurativamente, quem respondeu a mesma resposta que o jogador, sendo que no outro grupo aparecem pessoas que responderam de forma diferente, ainda como na condição de descategorização. A diferença reside no facto de enquanto na condição de descategorização os jogadores são percecionados como indivíduos únicos com características distintas, neste caso (recategorização) os dois grupos tornar-se-ão num único, criando deste modo um novo grupo a que todos pertencem. Esta condição remota para a distinção feita entre o grupo nós e eles, recategorizado num grupo representativo **do nós**, quando o indivíduo começa a reconhecer que todos temos semelhanças em comum. Na tabela abaixo encontra-se um exemplo representativo desta condição.

Tabela 3

Jogo Recategorização

Descrição	Exemplo
Escolha Avatar: Com qual do Avatar melhor te identificas?	
Conjunto de questões: Preferes beber sumo ou coca-cola?	
Animação: Vê quem respondeu como tu ás perguntas do Jogo	
Conjunto de questões: Com qual aparelho preferes jogar?	
Animação: Vê quem respondeu como tu ás perguntas do Jogo	
Conjunto de questões: Com que aparelho preferes ouvir música?	<p data-bbox="831 1523 1126 1545">Com que aparelho preferes ouvir música?</p> 
Animação: Todos temos muito em comum!	



Instrumento

Como instrumento de medida foi utilizada uma medida implícita e uma medida explícita de preconceito racial negro. Foi utilizada como medida implícita para este estudo uma versão simplificada do TAI adaptada para a população portuguesa e para uma versão papel e lápis (ao contrário da habitualmente utilizada em computador), a partir dos estudos de Greenwald (1998). A medição explícita de preconceito foi realizada através de um questionário concebido, adaptado à população-alvo em questão e constituído por dois itens representativos de preferências atitudinais. Foi utilizando um *feeling thermometer* de modo a quantificar este constructo. Reúne ainda um conjunto de questões representativas de medidas sociodemográficas, que permitiu a caracterização da amostra a nível da idade, género, e origem étnica.

TAI

As atitudes implícitas são um manifesto de ações ou julgamentos pessoais. Estas ações ou julgamentos estão sob o controle das nossas avaliações que são automaticamente ativadas. Estas atitudes implícitas não são percebidas pela consciência humana, ou seja, são manifestadas sem a percepção do indivíduo que as executa (Greenwald et al., 1998).

O teste de associação implícita (TAI) ou originalmente desenhado como *Implicit Association Test* (IAT) procura medir estas atitudes implícitas através de avaliações automáticas. O teste de associação implícita (TAI) mede diferentes associações entre dois conceitos e um atributo. Basicamente o participante vai ter de quantificar ao nível dos atributos dois conceitos distintos (flor versus nomes de insetos). Numa primeira tarefa o participante identifica o objeto como pertencente a uma categoria “flor” ou como pertencendo à categoria “nome de insetos”. Na segunda tarefa terá de atribuir um atributo a cada uma das categorias identificadas anteriormente (“palavras boas” versus “palavras más”) o que surge como um

atributo de avaliação (Greenwald et al., 1998). Quando é pedida uma resposta na associação entre conceitos e atributos, a associação mais forte terá um tempo de resposta mais rápido, sendo que a performance nessa tarefa irá ser maior em conceitos e atributos altamente associados, do que em associações que por norma não são tão fortes. A performance a estas tarefas irá medir a associação entre conceito e atributo. Concluindo se o participante for mais rápido a associar uma flor com uma palavra boa o significado desta associação para o participante é superior.

Design

A estrutura do TAI passa pela configuração de 5 tarefas distintas. A tabela abaixo traduz esta estrutura.

Tabela 4

Design TAI

Sequence	T1	T2	T3	T4	T5
Task description	Initial target-discrimination	Associated attribute discrimination	Initial combined task	Reversed target-concept discrimination	Reversed combined task
Task instructions	o Black White o	o Pleasant Unpleasant o	o Black o Pleasant White o Unpleasant o	o White Black o	Black o o Pleasant o White Unpleasant o
Sample stimuli	MEREDITH o o LATONYA o SHAVONN HEATHER o o TASHIKA KATIE o BETSY o O EBON	o Lucky o Honer Poison o Grief o o Gift Disaster o o Happy Hatred o	JASMINE Pleasure PEGGY o Evil o COLLEEN o Miracle TEMEKA Bomb o	o COURTNEY o STEPHANIE SHEREEN o o SUE-ELLEN TIA o SHARISE o o MEGAN NICHELLE o	o Peace LATISHA o Filth o o LAUREN o Rainbow SHANISE o o Accident o NANCY

O TAI avalia a associação entre um conceito e um atributo. A 1ª tarefa preconiza a discriminação do conceito, sendo que conforme apresentado na tabela acima, proposta para a população norte americana, é requisitado uma distinção entre nomes reconhecidos como negros ou afro-americanos e brancos ou europeus americano. Esta distinção é feita através da atribuição de resposta de cada categoria, sendo que uma é atribuída á esquerda e outra á direita. Na segunda tarefa é pedido a designação da dimensão do atributo, também através da discriminação de duas categorias. Neste caso o participante tem de categorizar palavras como boas ou más. Na tarefa seguinte tanto o estímulo que demonstra o conceito, tanto o estímulo

que demonstra o atributo são posicionados, alternadamente sendo proposta uma nova discriminação. É necessário neste momento discriminar entre nomes representativos de negros e brancos, e palavras boas de palavras más. A quarta tarefa é marcada por uma oposição de discriminação de conceitos, ou seja, por uma tarefa em que a resposta é revertida, sendo que a tarefa combina a discriminação de atributo com a tarefa de discriminação de conceito revertida (Greenwald et al., 1998). Se as categorias correspondentes aos conceitos são diferentemente associadas com a dimensão que mede o atributo, o sujeito irá perceber como mais fácil uma das tarefas combinadas. A medida desta diferença na dificuldade de cada tarefa combinada permite uma medição das diferenças altitudinais entre categorias (Greenwald et al., 1998).

TAI Versão papel e lápis

Devido às características da população – alvo em questão e às circunstâncias deste estudo foi utilizado uma TAI versão de papel e lápis, adaptado para a população portuguesa, e para jovens adolescentes. Ao invés de ser utilizados nomes representativos do negro e do branco, como proposto por Greenwald (1998), foram utilizadas caras negras e brancas de adolescentes, já pré-testadas, pois em Portugal não existe forte associação de negros e brancos para com nomes representativos de cada raça ou etnia. O TAI criado para este estudo representa uma versão em papel e lápis, ao invés de suporte computador, como normalmente utilizado, e conta com uma versão simplificada. A mesma apresenta quatro tarefas, contrabalançadas apenas na 3ª e 4ª tarefa. Foi escolhida esta versão simplificada do **TAI de modo a rentabilizar o tempo gasto, a tarefa poder ser executada com maior eficiência, e visto tratar-se de uma população-alvo de adolescentes, para moderar o possível efeito de fadiga.**

Tabela 5

Design TAI versão Papel e Lápis

Versão 1	T1	T2	T3	T4
Estrutura	X Branco Negro X	X Bom Mau X	X Branco X Bom Negro X Mau X	Branco X Mau X X Negro X Bom
Estímulos	7 caras brancas 7 caras negras (14)	7 palavras boas 7 palavras más (14)	7 caras alternadas + 7 palavras alternadas (14)	7 caras alternadas + 7 palavras alternadas (14)
Versão 2				
Estrutura	X Branco Negro X	X Bom Mau X	X Negro X Bom Branco x Mau x	Negro X X Bom X Branco Mau x
Estímulos	7 caras brancas 7 caras negras (14)	7 palavras boas 7 palavras más (14)	7 caras alternadas + 7 palavras alternadas (14)	7 caras alternadas + 7 palavras alternadas (14)

Através da performance dos participantes na rapidez de acordo com tarefas congruentes e incongruentes, é possível quantificar a associação entre conceitos e atributos, e deste modo quantificar a avaliação automatizada das atitudes no que concerne à associação entre pessoas negras e pessoas brancas e palavras boas e palavras más.

Medida Explícita

Foi criado um questionário composto por um conjunto de questões que mede explicitamente o preconceito racial negro nos participantes. Este questionário é composto por duas partes, em que numa primeira são apresentados dois itens cujo leque de resposta surgia através de *feeling thermometer*. Estes itens medem a valência da atitude de pertença ao grupo social negro, e pode ser representada pela seguinte forma: Item 1-Quero saber como te sentias por saberes que és igual a este grupo. Usa o “termómetro que apresentamos abaixo” para dar a tua resposta. Item 2- Agora peço que te lembres dos **momentos em que estiveste a jogar** e os grupos de pessoas que **responderam como tu às questões**. Quantas vezes achas que foram pessoas como as que estão representadas no grupo apresentado acima? As respostas a estas questões variam numa escala de Linkert de 7 pontos em que o nível 1 representa uma resposta positiva e o 7 uma resposta negativa.

Numa segunda parte do questionário eram feitas algumas perguntas de monitorização do jogo, e que possibilitassem quantificação de algumas medidas demográficas.

Procedimento

O procedimento **experimental utilizado neste estudo** interventivo foi igual para condição controlo e condições experimentais e para cada sessão de intervenção. A intervenção realizou-se no espaço de 3 semanas, 2 vezes por semana, sendo que contou com um total de 6 sessões para cada condição. Cada sessão de cada condição realizou-se no mesmo dia, mas em horários diferentes, sendo que consoante o horário de sala de aula na turma, distribuída aleatoriamente. A intervenção realizou-se nos dias 26 de Fevereiro, 2, 5, 9, 12, e 16 de Março do ano de 2018.

Ao abrigo do meu projeto de estágio foi nos possibilitado através da direcção da escola do agrupamento de escolas Matilde Rosa Araújo realizar este projeto. A Direcção escolar autorizou a realização desta intervenção por ver a utilidade que teria para os estudantes. A partir deste momento, foi apenas comunicado aos professores que o projeto trataria-se da execução de um jogo, que o mesmo estaria em diferentes fases de evolução e que seria necessário averiguar o *feedback* de jovens adolescentes e que implicação prática poderia advir.

Procedimento experimental na condição de controlo

Na condição preconizada pela categorização, condição esta de controlo, podemos descrever o seguinte procedimento. No início da primeira sessão realizada, era explicado aos alunos que eu estava a desenvolver um jogo para um projeto académico. Como tal o jogo encontraria-se dividido em diversas fases de evolução, sendo que os alunos teriam que executá-lo, e no final dar o seu *feedback*. Desta forma era anulada a possibilidade dos alunos descobrirem o conteúdo e propósito do jogo, evitando um enviesamento de resultados. Abaixo é apresentado o comunicado aos alunos acerca do jogo que iam desenvolver.

“Olá a todos. Sou a Madalena e estou a fazer um projeto de final de curso. Para tal estou a desenvolver um jogo *online* que se encontra em várias fases de evolução. Preciso da vossa ajuda, e pedia para jogarem este jogo sendo que no final vai vos ser pedido para dizerem o que acharam, e se gostaram !! O jogo demora cerca de 10 minutos, e espero que gostem ! Alguma dúvida não hesitem em perguntar! Obrigada!”

Foi requisitado aos estudantes que acessem à internet abrindo a página do jogo *Kahoot!* onde através do motor de busca procuravam o Jogo que correspondia à condição de categorização. Este Jogo chama-se Jogo Fase 1. Foi comunicado aos alunos que o executassem o Jogo sem qualquer pressa ou constrangimento, não existem respostas certas ou erradas nem limite de tempo para a execução. Foi lembrado aos estudantes que realizassem o Jogo individualmente e com a devida atenção, sendo que finalmente foi assegurado o anonimato e confidencialidade de respostas.

As instruções foram idênticas para as outras condições com exceção de informação adicional acerca das animações que iriam aparecer ao longo do *Jogo*. Neste caso foi comunicado aos alunos que ao longo do jogo iriam aparecer outros jogadores que estariam a jogar o mesmo jogo via online. Estes jogadores eram representados por Avatares, tais como aquelas que tinham sido escolhidos no início do jogo por cada participante. Na última sessão de intervenção os alunos realizaram o teste de associação implícita e os questionários explícitos. Foi deste modo comunicado aos alunos que os questionários não tinham respostas certas ou erradas, e quaisquer dados que eles disponibilizassem serviriam apenas para este estudo. De seguida disponibilizei instruções para a realização da tarefa implícita e explícita.

Para a realização da medida implícita foram disponibilizadas as seguintes instruções: Na primeira página irá aparecer um conjunto de rostos de etnia negras e rostos de etnia branca que teriam de categorizar entre rosto negro e rosto branco. Na página seguinte era apresentado um conjunto de palavras boas e más, onde seria necessário uma nova categorização entre palavras boas e más. As duas restantes páginas referiam-se a conjuntos de rostos negros e brancos com palavras boas e más. O participante teria de categorizar em 4 grupos distintos: Branco/Bom, Negro/Mau; Negro/Bom; Branco/Mau. Conforme a performance em tarefas ditas congruentes (branco/bom), e em tarefas incongruentes (negro/mau) seria possível quantificar a associação entre conceito e atributo. É de salientar que os participantes tinham 20 segundos para responder a estas associações por página, tendo sido ainda comunicado que teriam de realizar a tarefa o mais rapidamente possível.

Após a realização do TAI em papel foi solicitado aos participantes que respondessem ao questionário representativo da medida explícita de preconceito. Nas restantes condições experimentais (Descategorização e Recategorização) o procedimento foi igualmente executado. Consoante a condição apresentada o nome da intervenção (jogo) no motor de busca da aplicação *Kahoot!* variava.

Resultados

Análise Descritiva

O valor do TAI pode traduzir-se pelos valores médios abaixo descritos. Os mesmos variam entre valores negativos e positivos em que um valor negativo corresponde a um menor nível de preconceito racial negro, e um valor positivo ou mais positivo corresponde a um maior nível de preconceito racial negro. A condição de descategorização assume valores médios mais baixos ($M=1,31$; $DP=3,41$) seguido pelo valor médio da condição de controlo ($M=2,95$; $DP=3,22$) e pelo valor médio da condição de recategorização ($M=3,08$; $DP=3,45$) (ver *output* 3).

Quando avaliamos a medida explícita podemos constatar que os dois não estão correlacionados ($r=.09$; $p=.47$) (ver *output* 4). Assim estes foram analisados separadamente. No que se refere ao Item 1 de análise as condições assumem valores idênticos. O valor médio mais baixo pertence à condição de descategorização ($M=5,30$; $DP=1,412$) seguindo-se pela condição de controlo ($M=5,50$; $DP=1,371$), e finalmente pela condição de recategorização ($M=5,76$; $DP=1,542$) (ver *output* 5). O Item 2 que só varia em duas condições (descategorização e recategorização) assume valores idênticos na sua distribuição. A condição de recategorização assume um valor ligeiramente mais baixo ($M=4,81$; $DP=1,54$) do que na condição de descategorização ($M=4,78$; $DP=1,44$) (ver *output* 6). Como a escala varia em 7 pontos, quanto menor a média menor a expressão de preconceito.

Relação entre medidas implícitas e explícitas

O score do TAI e o Item 1 variam em sentidos opostos e possuem uma fraca correlação. ($r=-.74$; $p=.48$) (ver *output* 7). Quanto maior o valor do Score do TAI maior a expressão de preconceito expressa, e quanto menor o score do Item 1 maior esta expressão também associada. Procedeu-se do mesmo modo para averiguar a relação entre o Score do TAI e o Item 2, sendo que podemos constatar que apesar do valor da correlação de *Pearson* sustentar uma fraca correlação onde as próprias variáveis variam em sentidos opostos, podemos verificar a existência de uma relação de sentido, em que variam as duas no mesmo sentido, apesar de uma fraca correlação entre as variáveis ($r=-.08$; $p=.50$) (ver *output* 8).

Teste de Hipóteses

Medida Implícita

A comparação dos três grupos nesta medida foi realizada via uma ANOVA. Os dados sugerem um efeito marginal da intervenção ($F(2,90)=2,93, p=.058$) (ver *output* 9). Ao comparar cada grupo de intervenção com a condição controlo verificamos que existem diferenças marginalmente significativas entre a condição controlo e descategorização, $t(1,57)=1,82; p=.07$ (ver *output* 10). A condição de descategorização demonstra um menor nível de preconceito implícito.

O mesmo não acontece com a condição de recategorização. A média na condição de controlo ($M=2,95; DP=3,22$) é inferior à média na condição de recategorização ($M=3,08; DP=3,45$). Esta diferença não é significativa pois, $t(1,53)=-.17; p=.91$ (ver *output* 11). De acordo com este resultado é possível constatar que em ambas as condições o nível de preconceito racial é idêntico. São claras as diferenças entre os dois grupos de intervenção $t(70)=-.22; p=.03$ (ver *output* 12). Ambas assumem níveis de preconceito racial opostos.

Medida Explícita

Para verificar o efeito das intervenções a nível explícito, foi realizado um teste de Kruskal-Wallis (visto a variável não permitir a verificação dos pressupostos da ANOVA). Nem o Item 1 apresenta diferenças significativas entre grupos $H(2) = 2.49; p=0.29$ (ver *output* 13), nem o Item 2 $H(2) = 0.13; p=0.72$ (ver *output* 14).

Estudo 2

Método

Participantes e design

Participaram neste estudo 47 alunos da escola secundária Frei Gonçalo de Azevedo, com idades compreendidas entre os 12 e os 13 anos. ($M=12,64; DP=0,49$) 29 alunos do sexo feminino, e 18 alunos do sexo masculino. 40 alunos são de origem étnica ou raça branca (83,3%) e 7 alunos de origem étnica ou raça negra (14,6%) (ver *output* 15 e 16).

Os alunos de etnia negra foram excluídos da análise pois o objetivo deste estudo é estudar o impacto de uma variável independente operacionalizada (*Jogo*), em alunos de elevado estatuto étnico em condições de assimetria intergrupala.

Participaram neste estudo 40 indivíduos de etnia branca, em que 14 são do sexo feminino e 26 do sexo masculino. Estes jovens estudantes têm idades compreendidas entre os 12 e os 13 anos ($M= 12,65$; $DP= 0,483$) No que se refere á condição 23 indivíduos pertencem ao grupo de controlo e 17 á condição de *descategorização* (ver output 17).

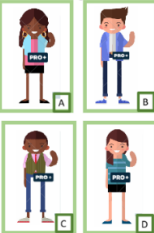

O design desta vez corresponde a 2 (condição controlo e condição *descategorização*), em que o fator é entre sujeitos.

Operacionalização de intervenção: *Jogo*

O jogo na condição de controlo foi semelhante ao utilizado no estudo 1, sendo que o número de perguntas foi diminuído de modo a estimular o interesse dos estudantes na tarefa. A estrutura da intervenção foi então semelhante à usada no Estudo 1, mas a animação do Jogo (feedback dado) sofreu alterações no que concerne á facilidade de perceção da tarefa, e simplicidade cognitiva das animações. Na animação as fronteiras delimitativas dos grupos desapareceram, os círculos que rodeavam os Avatares foram excluídos, facilitando a compreensão da tarefa. O primeiro *frame* onde os participantes teriam que escolher qual o *Avatar* que mais se identificavam manteve-se, assim como o conjunto de perguntas onde os participantes participavam numa dinâmica de escolhas. Após esta tarefa os participantes seriam expostos a um *frame* onde apareciam alguns jogadores que tinham respondido como eles às perguntas. Apareceriam conjuntos de perguntas sucessivas, e sempre um *frame* com a resposta de jogadores que responderam como o participante. Os avatares que representavam os jogadores que tinham executado o Jogo iram permutando o que era conseguido através do cruzamento de categorias múltiplas, proposto pelo modelo de *descatgorização*. Após cada *frame* de feedback um teste de memória era proposto de modo a reforçar o feedback dado através do modelo de *descategorização*. Na tabela seguinte podemos verificar a estrutura do novo Jogo remodelada, e adaptado ao estudo 2.

Tabela 6

Exemplo de Frames das Tarefas do Jogo

Tarefa	Informação	Frame
Escolha Avatar	Com qual Avatar melhor te identificas	
Conjunto de Questões	Sumo ou Coca-Cola?	
Feedback	Vê quem respondeu como tu...	
Reforço Memória	Identifica se cada um destes avatares corresponde a alguém que respondeu como tu OU não	
Conjunto de Questões	Com qual aparelho preferes jogar?	
Feedback	Vê quem respondeu como tu...	
Reforço Memória	Identifica se cada um destes avatares corresponde a alguém que respondeu como tu OU não	

Instrumento

Neste estudo para além da medida de preconceito implícita e dos itens anteriormente utilizados (estudo 1) foi adicionada uma escala de racismo moderno adaptada ao contexto brasileiro por Sílvia dos Santos, W; et al (2006). A mesma foi adaptada para o contexto português tendo sido traduzido e re-traduzidos os seus itens para a língua portuguesa (Portugal). A escala é constituída por 14 itens reduzidos a dois fatores. O primeiro fator denomina-se *Negação do preconceito e é constituído pelos seguintes itens:Item 1: Eles têm conseguido mais do que merecem;Item 2: Eles recebem muito respeito e consideração;Item 3: Eles são muito exigentes em relação aos seus direitos ;Item 4: A discriminação não é um problema em Portugal; Item 5: Eles têm muita influência política;Item 6: Eles não necessitam de ajuda, apenas devem esforçar-se;Item 7: Eles devem superar o preconceito sem apoio como aconteceu com outros grupos;Item 11: Tem-se dada demasiada importância aos seus movimentos de protesto;Item 12: Parece pouco prudente dar importância às suas queixas.*

O segundo fator denomina-se por *Aceitação de diferenças entre brancos e negros* e pode ser representado pelos seguintes itens:*Item 8: Eles são mais habilidosos em trabalhos manuais; Item 9: Possuem maior habilidade culinária; Item 10: As suas danças estão na moda pela sensualidade que expressam;Item 13: Apresentam melhor desempenho em modalidades desportivas ;Item 14: Possuem uma beleza diferente .*

O fator 1 assenta na ideia de que o preconceito não existe, beneficiando a população branca, sendo que o fator 2 assume-se como afirmação de diferenças (negros e brancos) o que preconiza uma especificidade da população negra, quer seja pela aparência ou pelas suas habilidades desportivas, manuais. Este último fator representa uma forma *dominante de manifestação do preconceito* em relação aos negros.

Poderá inicialmente ser vista como atribuição de características positivas aos negros, mas de forma subtil e mascarada infere a sua diferença relativamente a uma população branca, onde no que concerne a tarefas básicas, ou características de um ambiente sociocultural mais baixo os negros teriam uma melhor performance. (Walberto Silva dos et al ,2006)

Resultados

Análise descritiva

Os valores do TAI na condição de controlo assumem um menor valor médio ($M=2,17$; $DP=3,68$) do que na condição de descategorização ($M=3,06$; $DP= 7,9$) (ver *output 18*). Quando avaliamos a medida explícita no que concerne ao item 1 podemos constatar que os dois não estão correlacionados ($r=-.08$; $p=.62$) (ver *output 19*) e quando avaliamos o score do TAI e a escala de racismo moderno a relação demonstra-se insatisfatória ($r=.04$; $p=.80$) (ver *output 20*). Foram deste modo, e á semelhança do estudo 1, analisados separadamente. O Item 1 possui um valor médio inferior na condição de controlo ($M=5,43$; $DP= 1,34$) ao da condição de descategorização ($M=6,29$; $DP=1,04$) (ver *output 21*). Na mesma condição o Item 2 assume um valor médio inferior ao Item 1 ($M=4,94$; $DP=1,197$) (ver *output 22*). A escala de racismo moderno demonstra valores médios idênticos em ambas as condições de controlo ($M=3,80$; $DP=1,18$) e de descategorização ($M=3,43$; $DP=0,94$) (ver *output 23*).

Relação entre medidas implícita explícita

A relação que estas duas variáveis apresentam é muito baixa (score TAI e item 1). Variam em sentidos opostos e possuem uma fraca correlação. ($r=-.08$; $p=.62$) (ver *output 24*). Procedeu-se do mesmo modo para averiguar a relação entre o score do TAI e o Item 2. Na condição de descategorização será possível relacionar estas duas variáveis. O mesmo se processa como no exemplo acima apresentado em que um menor valor de TAI indica menor preconceito, e um maior valor de Item 2 indica maior preconceito. As duas variáveis apresentam uma correlação considerada baixa ($r=.37$; $p=.136$) (ver *output 25*). Ainda é permitido verificar uma relação insatisfatória entre a medida implícita (TAI) e a escala de racismo moderno insatisfatória ($r=.04$; $p=.80$) (ver *output 20*).

Teste de hipóteses

Medida Implícita

A comparação dos dois grupos foi realizada via um teste T-Student. Ao comparar cada grupo de intervenção podemos verificar que, $t(1,38)=-.44$; $p=.64$, onde conseguimos notar que não existem diferenças significativas entre as condições (ver *output 26*).

Medida Explícita

Para verificar o efeito da intervenção a nível explícito foi realizado o teste Mann-Whitney (visto a variável não permitir a verificação dos pressupostos do T-Student). O item 1 não apresenta diferenças significativas entre grupos, $H(2)=271,5$; $p=0,04$, a distribuição do Item 1 não é a mesma em todas as categorias (ver *output 27*). Para a escala de racismo moderno em que $t(1,36)=1,05$; $p=.30$, conseguimos notar que não existem diferenças significativas entre as condições (ver *output 28*). Este resultado demonstra que não há variações no nível de preconceito percebido pelos participantes em ambas as condições.

Análise Confirmatória

Depois de realizadas análises confirmatórias chegamos a um modelo final onde a escala encontra-se com valores satisfatórios representativos de uma eficaz medição de constructo por parte da escala reduzida aos dois fatores iniciais. Para chegar a este modelo final foi necessário a exclusão de dois fatores, por não apresentarem valores satisfatórios $\chi^2(42)=50.29$; $p=0,18$; $\chi^2=1.20$; $CFI=0,927$; $T.L.I=0,87$; $RMSEA=0,06$ (ver *output 29*).

Discussão Geral

No que concerne á medida implícita de preconceito podemos assumir diferenças marginalmente significativas entre a condição controlo e descategorização medidos através de uma versão simplificada do TAI. Não existe um nível de significância válido, mas o valor considerado demonstra uma direção da variável na sua distribuição na condição de *descategorização*. Infelizmente não é possível contatar o mesmo para a condição de recategorização que assume um valor médio do Score do TAI semelhante á condição de controlo.

É possível perceber esta associação (entre o *Jogo* e o nível de preconceito implícito) e o impacto da mesma no preconceito racial negro. Estes resultados indicam que na condição de *descategorização* o Jogo utilizado poderá ter alguma influência nos resultados percebidos, o que já teria sido anteriormente comprovado pelos estudos de Wilder (1978), e Rebelo, Matias e Monteiro (2002). O fato deste resultado apenas se assumir como marginalmente significativo poderá advir da dimensão da amostra que conta apenas com 21 participantes na condição de controlo, 38 na condição de descategorização e 34 na condição de recategorização. A estabilidade temporal é uma das críticas apontadas a este modelo, sendo também importante referenciar que dado o fato dos participantes terem sido expostos ao Jogo durante apenas três semanas poderá ser justificativo deste resultado.

Apesar destas evidências que indicam uma potencial associação entre o Jogo e o preconceito racial negro, quando replicada a intervenção numa versão melhorada que melhore representaria a mesma condição (*descategorização*) podemos verificar que os dados não foram replicados. Considero que tal poderá dever-se à dimensão da amostra que assume uma dimensão muito pequena não sendo possível levantar conclusões lineares acerca de uma potencial direção ou relação entre variáveis (23 participantes condição de controlo, e 17 participantes condição experimental). O score obtido pelo TAI apresenta valores muito semelhantes em ambas as condições de controlo e de descategorização ($M=2,7, DP=5,9$; $M=3,06, DP=7,9$). Estes resultados podem indicar que a própria medida implícita apresenta um nível de dificuldade considerado superior para os participantes em questão. Desta vez não foi utilizada uma versão simplificada pelo que a estrutura do TAI poderá ter afetado estes resultados, em paralelo com uma reduzida dimensão da amostra. O design utilizado do TAI a partir dos estudos de Greenwald (1998) aparenta tarefas de maior dificuldade o que poderá ter dificultado a medição exata desta medida, principalmente em alunos mais novos.

Conforme o discutido na literatura e de acordo com Marques, Páez e Monteiro (2007) em condições de desigualdade de estatuto e de poder, o enviesamento endogrupal não parece ser reduzido na condição de recategorização ou do modelo da identidade endogrupal comum. A integração de dois grupos num único poderia provocar uma ameaça á identidade de cada um deles, nomeadamente nos de estatuto inferior. Os estatutos de maior poder são os que mais enviesam avaliações para com membros do seu próprio grupo. Também Rebelo, Monteiro e Matias (2002) assuem que quando se trata de uma assimetria intergrupala a eficácia deste modelo de redução de preconceito torna-se menos linear. Apesar disso e de acordo com Gartener & Dovidio (2000) a recategorização em situações de assimetria intergrupala demonstrou níveis de eficácia na redução de preconceito. Sendo que de acordo com Mckenna & Amichai-Hambuerger (2006) a perceção de igualdade de estatuto surge num formato diferente quando se trata de comunicações eletrónicas, eletrónica é importante notar que o estatuto dos grupos e a expressão interna dos mesmos não assumem tanto valor quanto num contexto de vida real, é me possível constatar que há a possibilidade da condição de recatgorização não ter sido bem retratada através deste formato digital.

No que concerne a medidas explícitas de preconceito a resposta a esta questão “Quero saber como te sentes por saberes que és igual a este grupo” e “Quantas vezes achas que apareceram jogadores como os representados no grupo apresentado acima? não demonstraram diferenças significativa entre grupos, ou entre o grupo de controlo e descategorização, ou grupo de controlo e recategorização. Esta medida corresponde a uma medição explícita de atitudes face ao preconceito. Não existindo diferenças significativas, vai em conformidade com os autores, que confirmam que a medida explícita não tem tanto impacto na medição de atitudes relativas ao nível de preconceito racial negro. Tal fato encontra-se adjacente ao fenómeno de desejabilidade social.

Apesar disso notamos que a distribuição entre condições não é a mesma no Item 1 (Quero saber como te sentes por saberes que és igual a este grupo”) existindo diferenças significativas encontradas ($p=0,04$). A condição experimental apresenta uma média mais elevada ($M= 6,29$) do que a média na condição de controlo ($M=5,43$). Neste caso, e contrariamente aos dados primeiramente apresentados notamos que na condição de descategorização existiram avaliações mais positivas relativas ao endogrupo, do que na condição de controlo. Podemos desta forma constatar que o Score do TAI e o Item 1 encontram-se fracamente relacionados. ($r=0,08$). Quando correlacionamos o Item 1 com o Item 2 notamos que ambos variam na mesma direção, mas que apesar disso a correlação apresentada é fraca, mas moderadamente associativa.

($M=4,94$). Parece deste modo, que no caso a medida explícita mediu melhor o construto avaliado. Tal poderá ser explicado pela dificuldade de tarefa do TAI, e pela facilidade da tarefa de medida explícita, sendo que o fenómeno de desabilidade social não se encontrou tão presente. No que concerne agora á escala de racismo moderno que variava numa escala de 1 a 7 em que o valor 7 indicaria maior nível de racismo moderno, podemos constatar que não existem diferenças significativas entre as condições de controlo e descategorização ($M=3,8, DP=1,18; M=3,43, DP=0,94$). Apesar disso a média é considerada baixa em ambas as condições o que indica um nível médio a baixo de racismo em ambas as condições.

As três medidas medem formas de expressão de racismo racial diferentes, tendo cada umas as suas implicações a níveis diferentes. Se a tarefa do TAI é dificultada pela sua conceção, o Item 1 e Item 2 não parecem ter sido influenciados por este fenómeno. A escala de racismo moderno poderá ter suscitado algumas dúvidas devido á ambiguidade dos itens, que para jovens estudantes com idades médias de aproximadamente 12 anos, poderão ter dificultado a compreensão suposta deste construto. Apesar disso a escala de 14 itens reduzida a dois fatores com 12 itens apresentou valores significativos satisfatórios, medindo o construto ($X^2(42)=50,291; p=0,178; X^2df=1.197; CFI=0,927; T.L.I=0,865; RMSEA=0,064$).

No que diz respeito a medidas qualitativas de medição notamos algumas respostas que podem ser caracterizantes de um nível menor de preconceito na condição de *descategorização*:

1. “Nada pois somos todos humanos e gosto de saber quem tem opiniões iguais ou opostas ás minhas”
2. “(...)variava mais as perguntas e metia mais opções, porque parecendo que não cada um tem o seu modo de pensar e o seu modo de dar opiniões porque nenhum de nós é igual aos outros assim devia haver a opção de "eu não me identifico"”
3. “(...)podia haver algum dos meninos a falarem sobre o porquê de terem escolhido aquelas opções.”
4. “(...)eu não mudaria nada, visto que cada pessoa tem o direito de responder como quiser e só tenho que respeitar isso.”
5. “(...)não mudaria nada pois cada um tema sua opinião e eu não a vou desrespeitar mesmo que não concorde.”

Condição de Recategorização

1. “(...) eu respeito os outros e cada um tem as suas opiniões.”

Podemos concluir que o efeito de desejabilidade social nesta medida encontra-se bem presente, o que vai em conformidade com o fenómeno de desabilidade social. Apesar disso, de analisando qualitativamente podemos ver ainda algum impacto, ainda que não seja significativo. Mais uma vez, e de acordo com uma amostra pequena, não conseguimos postular afirmações ou conclusões muito específicas que possam explicar este fenómeno.

Limitações e estudos futuros

No primeiro estudo realizado apesar de demonstradas algumas direções e associações entre o Jogo e a redução de preconceito racial negro, a dimensão da amostra pode constituir uma limitação a este estudo. Uma amostra com maior número de participantes poderia delimitar de melhor forma e uniformizar os resultados percebidos.

Outra limitação que está também salientada na literatura (caso da condição de *descategorização*) tem que ver com a estabilidade temporal do efeito. O estudo foi apenas conduzido durante três semanas, duas vezes por semana, o que perfaz um total de 5 sessões (excluindo a última sessão que serviu para medição de construto), sendo um estudo piloto, uma limitação poderia advir do facto da frequência e durabilidade do Jogo. Seria de interesse que estudos futuros prolongassem esta experimentação, de modo a aumentar o período de janela e exposição ao efeito de redução de preconceito de modo a conseguir uma maior estabilidade temporal dos resultados percebidos. De modo a verificar também a estabilidade temporal seria interessante efetuar uma medição longitudinal de modo a verificar qual a potencialidade deste efeito e até quando poderia manter se ativo cognitivamente nos participantes.

No que concerne aos materiais, ao Jogo poderia ser melhorado de modo a averiguar com uma amostra melhor e com maior durabilidade de efeito temporal quais os resultados percebidos. Foi possível obter uma direção, mas uma versão do Jogo melhorada, e melhor suportada por uma aplicação mais fiável, e de mais fácil acesso aos participantes seria algo a considerar. A aplicação *Kahoot!* Possui também muitas limitações no que diz respeito á sua estrutura pelo que seria de interesse estas versões serem suportadas de outra forma e melhor

agilizadas para a população-alvo em questão, apesar do grande impacto tecnológico que já poderá ter.

Quanto às medidas de preconceito implícito e explícito, considero que a versão simplificada e adequada á população alvo, foi apropriada. Ainda e para além dos Itens que potenciam a expressão percebida do preconceito explicitamente, considero que a adequação de uma escala de racismo moderno e mais direcionada para uma população alvo jovem poderia ser algo a considerar em estudos futuros. Considero também que o TAI poderia ser suportado através de um smartphone de modo a facilitar e suportar esta medição, o que também estaria associado á população-alvo jovem em questão.

Resumindo e para estudos futuros, procederia a um aumento considerável da amostra, adaptação e melhoramento dos modelos de redução de preconceito, melhor suporte tecnológico e procedimento mais viável para os jovens. Exposição mais prolongada e medidas melhor adaptadas, de mais fácil aplicação e melhor agilizadas. O estudo de favorecimento de endogrupo e exogrupo também deriva ser considerado de modo a melhor comprara estes fenómenos já demonstrados inúmeras vezes na literatura. Finalmente melhor agilização da aplicação, de acesso a todos e com um modelo único de redução de preconceito como proposto por Pettigrew (1998).

Referências

- dos Santos, W. S., V. Gouveia, V., Navas, M. S., Pimentel, C. E., & Gusmão, E. d. (Setembro/Dezembro de 2006). Escala de Racismo Moderno: Adaptação ao contexto brasileiro. *Psicologia em Estudo*, pp. 637-645.
- Akrami, N. (2005). *Prejudice: The Interplay of Personality, Cognition and Social Psychology*.
- Brewer, M. B., & Miller, N. (Eds.). (1984). *Groups in contact: The psychology of desegregation*. Academic Press.
- Forbes, H. (1997). Ethnic Conflict and the Contact Hypothesis. Em H. Forbes, *The Psychology of Ethnic and Cultural Conflict*.
- Gaertner, S. L., Mann, J., Murrell, A., & Dovidio, J. F. (1989). Reducing intergroup bias: The benefits of recategorization. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57(2), 239-249.
- Gaertner, S. L., Mann, J. A., Dovidio, J. F., Murrell, A. J., & Pomare, M. (1990). How does cooperation reduce intergroup bias? *Journal of Personality and Social Psychology*, 59(4), 692-704.
- Gaertner, S. L., Dovidio, J. F., Anastasio, P. A., Bachman, B. A., & Rust, M. C. (1993). The commoningroup identity model: Recategorization and the reduction of intergroup bias. *European Review of Social Psychology*, 4 (1), 1-26.
- Gaertner, S., & F.Dovidio, J. (2000). reducing intergroup conflict from superordinate goals to decategorization, recategorization, and mutual differentiation. *Group Dynamics Theory Research and Practice*.
- L. Gaertner, S., F. Dovidio, J., & Kawakami, e. (2002). Implicit and Explicit Prejudice and Interracial Interaction. *Interpersonal relations and group processes*.
- Greenwald, A. G., McGhee, D. E., & Schwartz, J. L. K. (1998). Measuring individual differences in implicit cognition: The implicit association test. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74(6), 1464-1480.
- Karamolla Ensari, Nurcan & Miller, Norman. (2006). The Application of the Personalization Model in Diversity Management. *Group Processes & Intergroup Relations* -group process intergroup rela. 9. 589-607. 10.1177/1368430206067679.
- Marques, J. M. (1988). Análise Psicológica. *Categorização social, identidade social e homogeneidade de outgroup: uma análise conceptual* , pp. : 279-305 .
- McKenna, K., & Amichai-Hamburger, Y. (2006). The Contact Hypothesis Reconsidered: Interacting via the Internet. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 825–843.
- McConnell, A., & Leibold, J. (2001). Relations among the Implicit Association Test, Discriminatory Behaviour, and Explicit Measures of Racial Attitudes. *Journal of Experimental Social Psychology* , 435–442.

Monteiro, M. B., Matias, C., & Rebelo, M. (Julho de 2002). *Psicologia* vol.16. *Efeitos da recategorização e da descategorização na redução do enviesamento intergrupar: A perspectiva do desenvolvimento infantil.*

Monteiro, M.B. Relações Intergrupais In. J. Vala & M.B. Monteiro (Eds.). *Psicologia Social* (9ª ed.) (pp. 493-568). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.(2003)

Oliveira Lima , M. E., & Vala, J. (2004). As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos de Psicologia*, 401-411.

Pettigrew, T. F. (1998). Intergroup contact theory. *Annual Review of Psychology*, 49, 65-85.

Rebelo, margarida; Matias, catarina e Monteiro, Maria Benedicta. Efeitos da recategorização e da descategorização na redução do enviesamento intergrupar: A perspectiva do desenvolvimento infantil. *Psicologia* [online]. 2002, vol.16, n.2, pp.351-386. ISSN 0874-2049. <http://dx.doi.org/10.17575/rpsicol.v16i2.484>.

Wilder, D. A. (1978). Reduction of intergroup discrimination through individuation of the out-group. *Journal of Personality and Social Psychology*, 36(12), 1361-1374.

W.Allport, G. (1954). *The Nature of prejudice*. Addison-Wesley publishing company.

Yehuda Amir, "Contact Hypothesis in Ethnic Relations," in *The Handbook of Interethnic Coexistence*, ed. Eugene Weiner, (New York: Continuum Publishing, 1998), pp. 162-181.

Anexos

Anexo A-Revisão de literatura

Conceções acerca de Estereótipo

Em princípios do século XX a corrente predominante no que concerne ao pensamento psicológico advinha da teoria psicanalítica e behaviorista.

A corrente psicanalítica preconizava que no que concerne aos estereótipos, o mesmo teria uma origem patológica resultante de projeções de fantasias não desejadas ou então de transtornos de personalidade que provocam fenómenos como o racismo, autoritarismo, xenofobia. De acordo com a teoria behaviorista poderia decorrer de um deslocamento agressivo para com grupos minoritários. Walter Lippman contribuiu para uma concepção do conceito de estereótipo que não se baseava numa origem patológica, mas sim em fenómenos que decorriam do funcionamento normal da mente humana. De modo a ser processada toda a informação proveniente de um meio social complexo, o indivíduo coordena processos de filtragem e simplificação. O indivíduo seleciona algumas informações, negligenciando outras, o que o ajuda na construção de uma representação simplificada do nosso mundo. Segundo Lippman (1992) podemos definir o mundo social como um pseudo-ambiente sendo que os estereótipos fazem parte dele como “imagens na nossa cabeça” (Marques, Páez, & Pinto, 2013).

Os estereótipos permitir-nos-iam compreender o lugar ocupado por cada grupo, sendo que as nossas interpretações acerca dos comportamentos destes mesmos grupos iriam entrar em concordância com essa mesma compreensão. Veríamos assim justificada a posição que ocupamos na sociedade. Foi de acordo com esta concepção de estereótipo que Gordon Allport se baseou para fazer a sua investigação em estereótipos e julgamentos grupais (Marques, Páez, & Pinto, 2013). Segundo Gordon Allport (1954) os estereótipos resultam do normal funcionamento da mente humana e principalmente de um processo psicológico denominado de categorização. A definição de estereótipo de Allport demonstra a associação entre categoria e estereótipo, mas também a distinção entre os dois últimos.

A definição proposta por Allport pode traduzir-se da seguinte forma “(...) uma crença exagerada associada a uma categoria. A sua função é justificar (racionalizar) a nossa conduta em relação a essa categoria (...) não é idêntico a uma categoria: é mais uma ideia fixa que acompanha a categoria). Assim sendo é muito importante considerar o processo de

categorização proposto por Allport e as principais características que dele advêm. Como já assinalado, o normal funcionamento da mente humana recorre à categorização, ou seja, à formação de categorias, que nos permite processar a vasta quantidade de informação proveniente de um mundo social complexo. Este processo representa a base dos pré-julgamentos. este processo possui cinco importantes características. A primeira característica enumerada por Allport na sua obra “*The Nature of prejudice*” (1954) remete para o facto do processo de categorização proporcionar a formação de grandes classes mentais que nos possibilitam um ajustamento de toda a informação, ao nosso quotidiano. A nossa vivência tende a ser formatada por categorias e conceitos, onde podemos utilizar a categoria certa desadequadamente, assim como utilizar a categoria errada adequadamente (Allport, 1954).

A categorização permite-nos a criação de expetativas acerca de objetos, pessoas ou acontecimentos, sendo que a respetiva inclusão em categorias irá permitir a adoção de um comportamento apropriado a certas situações.

No que concerne à segunda característica do processo de categorização é possível constatar que o processo de categorização retém tanta informação à categoria quanto possível, agrupando desta forma toda a informação específica de cada categoria na mesma.

Este agrupamento do máximo de informação de uma categoria permite uma rentabilização de recursos e esforços na actuação de novas informações. A categoria permite-nos também a identificação rápida de um objeto que está relacionado com a mesma. Cada ocorrência possui certas características que servem como pista para a mente humana se organizar e categorizar toda a informação adjacente. Estas características têm então o propósito de facilitar a nossa percepção conduzindo a um ajustamento rápido e de certa forma congruente com toda a informação que estamos expostos. Esta identificação rápida dos objetos relacionados entre si permite nos uma melhor organização da vasta informação que nos chega através do nosso mundo social (Marques, Páez, & Pinto, 2013).

O processamento cognitivo a que estamos sujeitos forma facilmente categorias tanto racionais como irracionais sendo que o as generalizações que fazemos podem variar num *continuum* de racionalidade. Assumimos que as categorias advêm de um núcleo válido, mas não será possível constatar que todos os judeus são avarentos assim como todos os portugueses falam melhor português do que árabe ou finlandês. Podemos concluir que os estereótipos são um tipo de estrutura esquemática ou estrutura de conhecimento acerca de grupos sociais. Organizam o nosso mundo social, mas também poderão conduzir a falsas crenças acerca destas

categorias o que poderá conduzir a fenômenos sociais como a discriminação (Richards & Hewstone, 2001).

Antes de relacionarmos o conceito de estereótipo, preconceito e discriminação é importante salientar que são fenômenos que operam de formas distintas apesar de pertencerem ao mesmo modelo das relações entre grupos sociais. Correspondem deste modo a uma componente cognitiva, afetiva e comportamental, respetivamente. Apesar de fortemente relacionados, são independentes, pois perante uma avaliação afetiva negativa, a mesma crença associada poderá não estar construída, assim como perante uma certa crença poderá não ser concordante o comportamento derivado da mesma. Existe um certo tipo de informações que justifica o nosso preconceito. Existe uma base de correspondência racional do estereótipo. Essa base racional manifesta-se através de etiquetas psicológicas como negro, branco, homem, mulher, e indícios perçutuais correspondentes (Marques, Páez, & Pinto, 2013).

Teoria da Auto Categorização

De acordo com John Turner o processo de auto categorização refere-se ao fenómeno pelo qual os indivíduos definem a sua inclusão num determinado grupo e relativamente a membros do seu grupo.

Este processo de inclusão num determinado grupo é possibilitado a partir da conceção de uma identidade pessoal, onde o indivíduo se percebe como individual e singular, uma identidade social pois o indivíduo percebe-se como pertencente a certo grupo. Neste processo existe uma articulação entre a identidade pessoal, e identidade social onde o nosso comportamento pode ser esclarecido através de uma destes dois processos. A identidade pessoal refere-se deste modo a categorias de inclusão como um indivíduo singular ou único onde é possível um processo de diferenciação de outros indivíduos do endogrupo. A identidade social possui categorias de inclusão do próprio e dos outros membros de grupo por comparação com o exogrupo (nós vs eles). Quando é estabelecida uma comparação entre o mesmo e entre os membros do endogrupo, este mesmo grupo terá de ser uma avaliação positiva que serve de referência para uma auto diferenciação positiva relativa a outros grupos (Turner, 1986).

Teoria dos conflitos realistas

No centro desta teoria está o princípio de que atitudes e comportamento que causam conflito ou cooperação são derivados de interesses comuns dos grupos. A demonstração da teoria dos conflitos realistas foi proposta por Sherif (1958) e revela dois fatores de interesse:

Primeiramente é de notar que sempre que os recursos disponíveis forem divergentes, mas os grupos precisarem de interagir para os defender seria possível prever uma relação de conflito entre grupos, assim como no caso em que os interesses são convergentes, mas os recursos limitados o mesmo iria acontecer. Contrariamente se os interesses dos dois grupos forem convergentes e houver recursos suficientes e não, neste caso, limitados, cria-se uma situação de cooperação ao invés de uma de conflito. No primeiro caso este fenómeno poderá traduzir-se em atitudes intergrupais etnocêntricas e competitivas o que pode conduzir a níveis elevados de hostilidade. No segundo caso uma atitude que envolve a o fenómeno de cooperação conduz a comportamentos menos etnocêntricos e centrados numa resolução mais ativa de problemas.

O etnocentrismo grupal é um fenómeno em que um grupo se considera superior a outro, os membros constituintes do exogrupo são vistos como aquém das características do endogrupo. Os dois fenómenos referidos anteriormente podem ser explicados baseados neste fenómeno.

De modo a refletir sobre este fenómeno do etnocentrismo grupal e consequências que dele advêm, Sherif (1958) conduziu uma série de estudos num campo de férias de rapazes adolescentes. Procurava deste modo validar o facto da discriminação intergrupar resultar da relação entre grupos e não de características individuais dos membros de um grupo.

Sherif formou dois grupos de participantes onde o que variava era a relação estabelecida entre os membros: existira uma relação de cooperação e uma de competição. sendo que variou a relação entre eles. Uma relação de competição, outra de cooperação. Através de atividades realizadas entre os grupos de adolescentes nos campos de férias e da sua medição foi possível averiguar atitudes intergrupais ao nível do estereótipo, do endogrupo e do exogrupo. No que diz respeito à competição verificou que por objetivos alcançáveis por um grupo a formação de estereótipos considerados hostis e comportamentos intergrupais de discriminação e de agressão. No caso de relações sustentadas pelo contacto e pela cooperação sem interdependência observou uma manutenção de hostilidade intergrupar, sendo que num caso onde existiam objetivos supra ordenados, objetivos estes convergentes, inatingíveis sem a cooperação entre os dois grupos, observou uma redução na expressão de atitudes de discriminação entre grupos (Monteiro, 2013). De acordo com estas constatações é possível notar que aquando objetivos

convergentes e *supraordenados* em relações de cooperação e contacto existe evidência da diminuição de discriminação entre os grupos.

Paradigma dos grupos mínimos

Quando falamos do enviesamento endogrupal podemos falar no paradigma dos grupos mínimos. Nesta condição experimental os participantes foram classificados individualmente como membros pertencentes a dois grupos distintos e independentes. Foram diferenciados com base na sua preferência estética. Os participantes realizaram individualmente uma tarefa onde tinham de decidir quantos pontos queriam atribuir a pares de participantes que pertenciam a esta experiência. Os participantes eram apenas identificados pela designação do grupo a qual pertenciam, como sendo um participante do seu grupo e outro de outro grupo. Os resultados mostraram que os participantes escolhiam de forma consistente uma distribuição igual de pontos para os membros dos dois grupos quando a matriz o permitia. Porém quando não havia esta possibilidade os participantes tendiam a favorecer os membros do endogrupo (Tajfel, 1970).

Modelos de Redução de Preconceito

Investigações recentes demonstram, que apesar da teoria de contacto de Allport postular que a redução de preconceito advém do contacto direto, o mesmo pode ser balanceado através do contacto indireto. O contacto indireto entre membros poderia resultar advindo de um contacto indireto, ou seja, de representações indiretas do contacto com o exogrupo. O contacto indireto tem um resultado eficaz. O modelo da *descategorização* inclui interações baseadas em relações positivas onde o indivíduo se relaciona um com o outro no que concerne aos seus interesses pessoais e habilidades ao invés de interesses caracterizados como importantes para o seu grupo. O cerne do interesse passa de um foro grupal para um foro pessoal: comparação com o outro substitui comparações entre grupos. Segundo a *descategorização*, quando os membros de dois grupos se percebem como indivíduos separados ou quando adquirem interações personalizadas que possibilitam uma aproximação entre os membros de cada grupo e até desenvolverem uma relação de amizade, a validade dos estereótipos do exogrupo fica ameaçada, e indeterminada, o preconceito intergrupar é reduzido (Gaertner & Dovidio, 2000).

Ao contrário da *descategorização*, o modelo de identidade endogrupal comum ou *recategorização*, está desenhado não para reduzir ou eliminar a categorização (como no caso da *descategorização*), mas para reestruturar a definição de categorização de um grupo a um nível de maior inclusividade de modo a reduzir o nível de preconceito racial. Esta abordagem envolve criar ou aumentar a saliência da transversalidade dos membros de um grupo. A *recategorização* envolve o uso de pronomes como: nós, nosso que postula uma inclusividade grupal de ambos os grupos. Os membros são organizados no espaço, reduzindo a saliência dos limites de cada grupo. A celebração de uma categoria comum *supraordenada* onde os membros de ambos os grupos pertencem. Podemos concluir que ambos os modelos parecem ser eficazes na redução de preconceito racial, e quando complementados possuem resultados mais positivos (Gaertner & Dovidio, 2000).

Outra componente importante desta teoria advém do estatuto de grupos. Segundo Allport, de modo a serem verificados os efeitos positivos de um possível contacto dos grupos, a assimetria de estatuto dos grupos constitui dificultaria a construção de uma possível identidade endogrupal comum. Assim em grupos de assimetria de estatuto intergrupar (brancos vs negros) estaria em risco o enviesamento de atitudes relativas ao exogrupo que seria percebido pelos membros de alto estatuto étnico (Rebelo, Matias, & Monteiro, 2002).

Referências

- Gaertner, S., & Dovidio, J. (2000). reducing intergroup conflict from superordinate goals to decategorization, recategorization, and mutual differentiation. *Group Dynamics Theory Research and Practice*.
- Marques, J. M. (1988). Análise Psicológica. *Categorização social, identidade social e homogeneidade de outgroup: uma análise conceptual* , pp. : 279-305 .
- Marques, J. M., Páez, D., Pinto, I. R., & Monteiro, M. B. (2007). *Psicologia Social*.
- Richards, Z., & Hewstone, M. (2001). Subtyping and Subgrouping: Processes for the Prevention and Promotion of Stereotype Change. *Personality and Social Psychology Review*, 52-73.
- Muzafer Sherif, "Superordinate Goals in the Reduction of Intergroup Conflict," *American Journal of Sociology* 63, no. 4 (Jan., 1958): 349-356.
- Tajfel, H. (1970). Experiments in Intergroup Discrimination. *Scientific American*, 223(5), 96-103. Retrieved from <http://www.jstor.org/stable/24927662>
- Tajfel, H. and Turner, J.C. (1986) The Social Identity Theory of Intergroup Behavior. *Psychology of Intergroup Relations*, 5, 7-24.
- W.Allport, G. (1954). *The Nature of prejudice*. Addison-Wesley publishing company.

**Anexo B –Estudo 1 - Medida Implícita- Condição controlo e condições experimentais
(descategorização e recategorização)**

Rostos Negros

Rostos Brancos



Palavras Boas

Paz

Malvado

Alegria

Agonia

Terrível

Ferido

Maravilhoso

Feliz

Horrível

Falhaço

Amor

Mau

Prazer

Riso

Palavras Más

**Rostos Brancos
Palavras Boas**

**Rostos Negros
Palavras Más**



Amor



Riso



Terrível



Maravilhoso



Agonia



Prazer



Falhaço



**Rostos Negros
Palavras Boas**



Ferido



Malvado



Paz



Mau



Feliz



Alegria



Prazer



Anexo C- Estudo 1A - Condição controlo e condições experimentais (descategorização e recategorização)-Medida Implícita- Versão A

Rostos Negros

Rostos Brancos



Palavras Boas

Paz

Malvado

Alegria

Agonia

Terrível

Ferido

Maravilhoso

Feliz

Horrível

Falhaço

Amor

Mau

Prazer

Riso

Horroroso

Glorioso

Palavras Más

**Rostos Brancos
Palavras Boas**

**Rostos Negros
Palavras Más**



Amor



Riso



Terrível



Maravilhoso



Agonia



Prazer



Falhaço



Horroroso



Rostos Brancos

Rostos Negros





**Rostos Negros
Palavras Boas**

**Rostos Brancos
Palavras Más**



Ferido



Malvado



Paz



Mau



Feliz



Alegria



Glorioso



Prazer



Anexo D- Estudo 1A - Condição controlo e condições experimentais (descategorização e recategorização)-Medida Implícita- Versão B

Rostos Brancos

Rostos Negros



Palavras Boas

Paz

Malvado

Alegria

Agonia

Terrível

Ferido

Maravilhoso

Feliz

Horrível

Falhaço

Amor

Mau

Prazer

Riso

Horroroso

Glorioso

Palavras Más

Rostos Negros

Rostos Brancos

-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-



-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-

**Rostos Negros
Palavras Boas**

Ferido



Malvado



Paz



Mau



Feliz



Alegria



Glorioso



Prazer



**Rostos Brancos
Palavras Más**

**Rostos Brancos
Palavras Boas**

**Rostos Negros
Palavras Más**



Amor



Riso



Terrível



Maravilhoso



Agonia



Prazer



Falhaço



Horroroso



Anexo D- Questionários utilizados medida explícita-Estudo 1 - Medida Explícita- Condição controlo

Questionário

Lê com atenção as seguintes instruções!

As respostas que irás dar de seguida servem apenas para este estudo. Os teus dados estão protegidos pelo que é lhes conferido anonimato e confidencialidade. Não há respostas certas nem erradas, só peço que sejas sincero/a e que realizes este questionário individualmente!

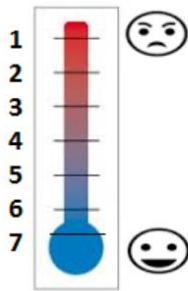
Obrigada!

- 1) Nas últimas semanas estiveste a jogar o jogo que te propus. Como resultado foste tendo uma ideia das pessoas que responderam como tu às perguntas. Imagina que agora jogavas o jogo e o grupo de jogadores que respondia como tu às perguntas era o que está abaixo representado:



1a) Quero saber como te sentes por saberes que és igual a este grupo. Usa o “termómetro que apresentamos abaixo” para dar a tua resposta.

(Assinala com um círculo em torno de um número que vai de 1 a 7, referindo aquele **que melhor representa a forma como te sentes**)



1b) Agora peço que te lembres dos **momentos em que estiveste a jogar** e os grupos de pessoas que **responderam como tu às questões**. Quantas vezes achas que apareceram jogadores como os representados no grupo apresentado acima?

(Assinala com um círculo em torno de **um número**, que vai de 1 a 7, referindo aquele **que melhor representa o que te lembras**)

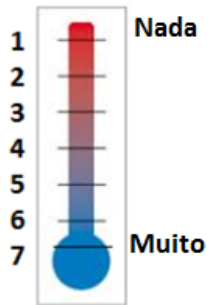


Responde agora a algumas questões acerca do **Jogo que executaste** nas últimas semanas

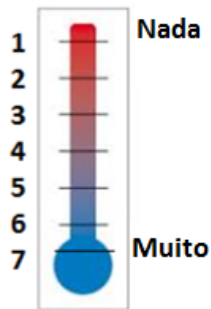
1) O que achaste deste Jogo?



2)Recomendarias aos teus amigos para jogar?



3)Gostaste de saber que pessoas responderam como tu ás perguntas?



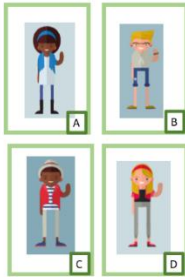
4)Que mudanças sugeres nas questões do jogo?

5)Que mudanças farias no que respeita à forma **como são representadas** as respostas das outras pessoas às questões que também respondeste?

Responde agora a alguns dados demográficos:

Idade: _____

Com qual das imagens melhor te identificas (assinala com uma cruz por cima da letra correspondente):



**Anexo E- Estudo 1 - Medida Explícita- Condições experimentais
Parte 1**

Lê com atenção as seguintes instruções!

As respostas que irás dar de seguida servem apenas para este estudo. Os teus dados estão protegidos pelo que é lhes conferido anonimato e confidencialidade. Não há respostas certas nem erradas, só te peço que sejas sincero/a e que realizes este questionário individualmente!

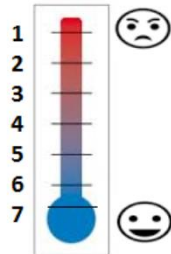
Obrigada!

Nas últimas semanas estiveste a jogar o jogo que te propus. Como resultado foste tendo uma ideia das pessoas que responderam da mesma forma que tu às mesmas perguntas. Imagina que agora jogavas o jogo e o grupo que surgia era o que está abaixo representado:



1) Quero saber como te sentias por saberes que és igual a este grupo. Usa o “termómetro que apresentamos abaixo” para dar a tua resposta.

(Assinala com um círculo em torno de um número que vai de 1 a 7, referindo aquele **que melhor representa a forma como te sentes**)



1a) Agora peço que te lembres dos **momentos em que estiveste a jogar** e os grupos de pessoas que **responderam como tu às questões**. Quantas vezes achas que foram pessoas como as que estão representadas no grupo apresentado acima?

(Assinala com um círculo em torno de **um número**, que vai de 1 a 7, referindo aquele **que melhor representa o que te lembras**)

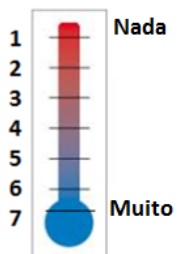


Responde agora a algumas questões acerca do **Jogo que executaste** nas últimas semanas.

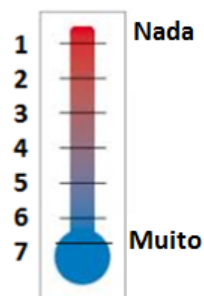
1)O que achaste deste Jogo?



2)Recomendarias aos teus amigos para jogar?



3)Gostaste de saber que pessoas responderam como tu ás perguntas?



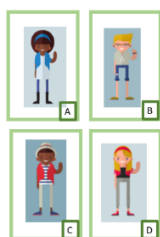
4)Que mudanças sugeres nas questões do jogo?

5) Que mudanças farias no que respeita à forma **como são representadas** as respostas das outras pessoas às questões que também respondeste?

Responde agora a alguns dados demográficos:

Idade: _____

Com qual das imagens melhor te identificas (**assinala com uma cruz por cima da letra correspondente**):



Anexo F- Estudo 1A- Medida Explícita- Condição Controlo

Questionário

Lê com atenção as seguintes instruções!

As respostas que irás dar de seguida servem apenas para este estudo. Os teus dados estão protegidos pelo que é lhes conferido anonimato e confidencialidade. Não há respostas certas nem erradas, só peço que sejas sincero/a e que realizes este questionário individualmente!

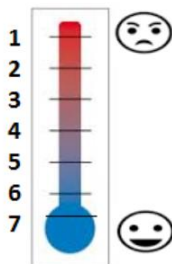
Obrigada!

1) Nas últimas semanas estiveste a jogar o jogo que te propus. Como resultado foste tendo uma ideia das pessoas que responderam como tu às perguntas. Imagina que agora jogavas o jogo e o grupo de jogadores que respondia como tu às perguntas era o que está abaixo representado:



1a) Quero saber como te sentes por saberes que és igual a este grupo. Usa o “termómetro que apresentamos abaixo” para dar a tua resposta.

(Assinala com um círculo em torno de um número que vai de 1 a 7, referindo aquele **que melhor representa a forma como te sentes**)



1b) Agora peço que te lembres dos **momentos em que estiveste a jogar** e os grupos de pessoas que **responderam como tu às questões**. Quantas vezes achas que apareceram jogadores como os representados no grupo apresentado acima?

(Assinala com um círculo em torno de **um número**, que vai de 1 a 7, referindo aquele **que melhor representa o que te lembras**)



2) Lê atentamente cada um dos itens abaixo apresentados a respeito dos negros. Em seguida indica qual o teu grau de concordância com cada um deles. Coloca ao lado de cada item o número que melhor representa a tua resposta.

Discordo totalmente 1 2 3 4 5 6 7 Concordo totalmente

____ Eles têm conseguido mais do que merecem

____ Eles recebem muito respeito e consideração

____ Eles são muito exigentes em relação aos seus direitos

____ A discriminação não é um problema em Portugal

____ Eles têm muita influência política

____ Eles não necessitam de ajuda, apenas devem esforçar-se

____ Eles devem superar o preconceito sem apoio como aconteceu com outros grupos

____ Eles são mais habilidosos em trabalhos manuais

____ Possuem maior habilidade culinária

____ As suas danças estão na moda pela sensualidade que expressam

____ Tem-se dada demasiada importância aos seus movimentos de protesto

____ Parece pouco prudente dar importância às suas queixas

____ Apresentam melhor desempenho em modalidades desportivas

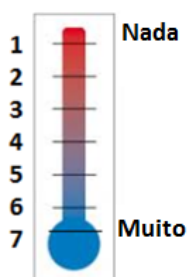
____ Possuem uma beleza diferente

Responde agora a algumas questões acerca do **Jogo que executaste** nas últimas semanas

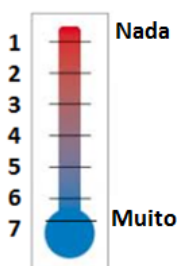
2) O que achaste deste Jogo?



2)Recomendarias aos teus amigos para jogar?



3)Gostaste de saber que pessoas responderam como tu ás perguntas?



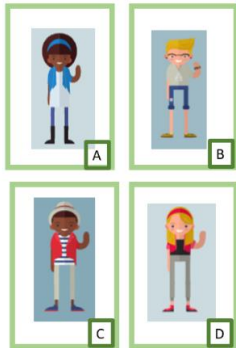
4)Que mudanças sugeres nas questões do jogo?

5)Que mudanças farias no que respeita à forma **como são representadas** as respostas das outras pessoas às questões que também respondeste?

Responde agora a alguns dados demográficos:

Idade: _____

Com qual das imagens melhor te identificas (assinala com uma cruz por cima da letra correspondente):



Anexo F- Estudo 1A- Medida Explícita- Condições experimentais Questionário

Lê com atenção as seguintes instruções!

As respostas que irás dar de seguida servem apenas para este estudo. Os teus dados estão protegidos pelo que é lhes conferido anonimato e confidencialidade. Não há respostas certas nem erradas, só peço que sejas sincero/a e que realizes este questionário individualmente!

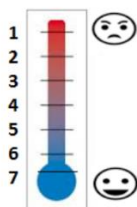
Obrigada!

1) Nas últimas semanas estiveste a jogar o jogo que te propus. Como resultado foste tendo uma ideia das pessoas que responderam como tu às perguntas. Imagina que agora jogavas o jogo e o grupo de jogadores que respondia como tu às perguntas era o que está abaixo representado:



1a) Quero saber como te sentes por saberes que és igual a este grupo. Usa o “termómetro que apresentamos abaixo” para dar a tua resposta.

(Assinala com um círculo em torno de um número que vai de 1 a 7, referindo aquele **que melhor representa a forma como te sentes**)



1b) Agora peço que te lembres dos **momentos em que estiveste a jogar** e os grupos de pessoas que **responderam como tu às questões**. Quantas vezes achas que apareceram jogadores como os representados no grupo apresentado acima?

(Assinala com um círculo em torno de **um número**, que vai de 1 a 7, referindo aquele **que melhor representa o que te lembras**)



2) Lê atentamente cada um dos itens abaixo apresentados a respeito dos negros. Em seguida indica qual o teu grau de concordância com cada um deles. Coloca ao lado de cada item o número que melhor representa a tua resposta.

Discordo totalmente 1 2 3 4 5 6 7 Concordo totalmente

Discordo totalmente 1 2 3 4 5 6 7 Concordo totalmente

____ Eles têm conseguido mais do que merecem

____ Eles recebem muito respeito e consideração

____ Eles são muito exigentes em relação aos seus direitos

____ A discriminação não é um problema em Portugal

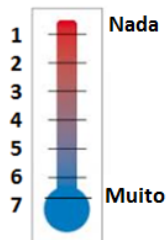
- _____Eles têm muita influência política
- _____Eles não necessitam de ajuda, apenas devem esforçar-se
- _____Eles devem superar o preconceito sem apoio como aconteceu com outros grupos
- _____Eles são mais habilidosos em trabalhos manuais
- _____Possuem maior habilidade culinária
- _____As suas danças estão na moda pela sensualidade que expressam
- _____Tem-se dada demasiada importância aos seus movimentos de protesto
- _____Parece pouco prudente dar importância às suas queixas
- _____Apresentam melhor desempenho em modalidades desportivas
- _____Possuem uma beleza diferente

Responde agora a algumas questões acerca do **Jogo que executaste** nas últimas semanas.

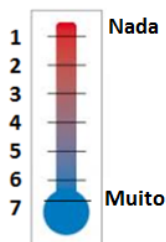
3) O que achaste deste Jogo?



2)Recomendarias aos teus amigos para jogar?



3)Gostaste de saber que pessoas responderam como tu ás perguntas?



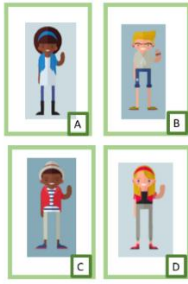
4)Que mudanças sugeres nas questões do jogo?

5)Que mudanças farias no que respeita à forma **como são representadas** as respostas das outras pessoas às questões que também respondeste?

Responde agora a alguns dados demográficos:

Idade: _____

Com qual das imagens melhor te identificas (**assinala com uma cruz por cima da letra correspondente**):



Anexos G- Outputs das análises estatísticas efetuadas

Output 1- Estatística Descritiva relativo à idade e género da amostra total

Estatística Descritiva					
	N	Mínimo	Máximo	Média	Erro Desvio
Idade	120	13	23	13,79	1,215
N válido (de lista)	118				

		Género			
		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	Homem	62	50,8	51,7	51,7
	Mulher	58	47,5	48,3	100,0
	Total	120	98,4	100,0	
Omisso	Sistema	2	1,6		
Total		122	100,0		

Output 2- Estatística descritiva idade género da amostra (sem etnia negra)

Estatística Descritiva					
	N	Mínimo	Máximo	Média	Erro Desvio
Idade	92	13	16	13,67	,758
N válido (de lista)	90				

		Género			
		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	1	48	51,1	52,2	52,2

	2	44	46,8	47,8	100,0
	Total	92	97,9	100,0	
Omisso	Sistema	2	2,1		
Total		94	100,0		

		Etnia			
		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	1	90	95,7	100,0	100,0
Omisso	Sistema	4	4,3		
Total		94	100,0		

Output 3- Distribuição valor médio do Score do TAI

Score TAI			
Condicao	Média	N	Erro Desvio
Controlo	2,97	21	3,219
Descategorizacao	1,31	38	3,407
Recategorizacao	3,08	34	3,446
Total	2,33	93	3,451

Output 4- Correlação entre score do TAI e Item 1

Correlações			
		Score TAI	Item1
Score TAI	Correlação de Pearson	1	-,074
	Sig. (2 extremidades)		,484
	N	93	91
Item1	Correlação de Pearson	-,074	1
	Sig. (2 extremidades)	,484	
	N	91	92

Output 5- Distribuição valor médio do Item 1

Valor médio Item 1

I

Condicao	Média	N	Erro Desvio
Controlo	5,50	22	1,371
Descategorizacao	5,30	37	1,412
Recategorizacao	5,76	33	1,542
Total	5,51	92	1,449

Output 6- Distribuição valor médio Item 2

Valor médio Item 2

Condicao	Média	N	Erro Desvio
Descategorizacao	4,78	37	1,436
Recategorizacao	4,81	31	1,537
Total	4,79	68	1,472

Output 7-Distribuição valor médio do Item 1

Valor médio Item 1

I

Condicao	Média	N	Erro Desvio
Controlo	5,50	22	1,371
Descategorizacao	5,30	37	1,412
Recategorizacao	5,76	33	1,542
Total	5,51	92	1,449

Output 8- Correlação entre score do TAI e Item 2

Correlações

		Score TAI	Item2
Score TAI	Correlação de Pearson	1	-,083
	Sig. (2 extremidades)		,502
	N	93	68
Item2	Correlação de Pearson	-,083	1
	Sig. (2 extremidades)	,502	
	N	68	68

Output 9- ANOVA (controlo vs descategorização vs recategorização)

ANOVA

Score TAI					
	Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
Entre Grupos	67,025	2	33,512	2,932	,058
Nos grupos	1028,722	90	11,430		
Total	1095,747	92			

Output 10- T-Student (controlo vs descategorização)

Estatísticas de grupo

	Condicao	N	Média	Erro Desvio	Erro padrão da média
FormulaIAT	Controlo	21	2,97	3,219	,703
	Descategorizacao	38	1,31	3,407	,553

Teste de amostras independentes

Teste de Levene para igualdade de variâncias

		Z	Sig.	t	df	Sig. (2 extremidades)
FormulaIAT	Variâncias iguais assumidas	,302	,585	1,824	57	,073
	Variâncias iguais não assumidas			1,855	43,429	,070

Output 11- Teste T- Student (controlo vs recategorização)

Estatísticas de grupo					
	Condicao	N	Média	Erro Desvio	Erro padrão da média
FormulaIAT	Controlo	21	2,97	3,219	,703
	Recategorizacao	34	3,08	3,446	,591

Teste de amostras independentes						
Teste de Levene para igualdade de variâncias						
		Z	Sig.	t	df	Sig. (2 extremidades)
FormulaIAT	Variâncias iguais assumidas	,173	,679	-,116	53	,908
	Variâncias iguais não assumidas			-,118	44,740	,907

Output 12- Teste T- Student (descategorização vs recategorização)

Estatísticas de grupo					
	Condicao	N	Média	Erro Desvio	Erro padrão da média
FormulaIAT	Descategorizacao	38	1,31	3,407	,553
	Recategorizacao	34	3,08	3,446	,591

Output 13- Teste Kruskal-Wallis para o Item 1 por condição

N total	92
Estatística de teste	2,485
Graus de liberdade	2
Sig. assintótico (teste de 2 lados)	,289

Resumo de Teste de Hipótese				
	Hipótese nula	Teste	Sig.	Decisão
1	A distribuição de Item1 é a mesma entre as categorias de Condicao.	Teste de Kruskal-Wallis de Amostras Independent es	,289	Reter a hipótese nula.

Sig. assintótico (teste de 2 lados) = ,289. O nível de significância é ,05.

Output 14- Teste Kruskal-Wallis para o Item 2 por condição

Resumo de Teste de Hipótese			
Hipótese nula	Teste	Sig.	Decisão
1 A distribuição de Item2 é a mesma entre as categorias de Condição.	Teste de Kruskal-Wallis de Amostras Independentes	,715	Rejeitar a hipótese nula.

São exibidas significâncias assintóticas. O nível de significância é ,05

N total	68
Estatística de teste	,133
Graus de liberdade	1
Sig. assintótico (teste de 2 lados)	,715

Output 15- Distribuição valor médio idade amostra total estudo 1A

Estatística Descritiva					
	N	Mínimo	Máximo	Média	Erro Desvio
Idade	47	12	13	12,64	,486
N válido (de lista)	47				

Output 16- Distribuição variável etnia amostra total estudo 1A

		Etnia			
		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	Branco	40	81,6	85,1	85,1
	Negro	7	14,3	14,9	100,0
	Total	47	95,9	100,0	
Omisso	Sistema	2	4,1		
Total		49	100,0		

Output 17- Distribuição de amostra parcial em género, etnia, e idade (sem negros) estudo 1A

		Genero			
		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	Homem	26	65,0	65,0	65,0
	Mulher	14	35,0	35,0	100,0
	Total	40	100,0	100,0	

		Etnia			
		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	1	40	100,0	100,0	100,0

Estatística Descritiva						
		N	Mínimo	Máximo	Média	Erro Desvio
Idade		40	12	13	12,65	,483
N válido (de lista)		40				

Output 18- Distribuição valor médio score TAI

Score TAI				
Condicao	Média	N	Erro Desvio	
Controlo	2,17	23	3,675	
Descategorizacao	3,06	17	7,907	
Total	2,55	40	5,785	

Output 19- Correlação entre Score de TAI e Item 1

		Score TAI	Item1
Formula	Correlação de Pearson	1	-,081
	Sig. (2 extremidades)		,617
	N	40	40
Item1	Correlação de Pearson	-,081	1

Output 20- Correlação entre Score de TAI e Escala de Racismo Moderno

		ESCALARACI	
		SMO	TAI
ESCALARACISMO	Correlação de Pearson	1	,042
	Sig. (2 extremidades)		,801
	N	38	38
Formula	Correlação de Pearson	,042	1
	Sig. (2 extremidades)	,801	
	N	38	40

Output 21- Distribuição valor médio Item 1

Item 1			
Condicao	Média	N	Erro Desvio
Controlo	5,43	23	1,343
Descategorizacao	6,29	17	1,047
Total	5,80	40	1,285

Output 22- Distribuição valor médio Item 2

Item 2			
Condicao	Média	N	Erro Desvio
Descategorizacao	4,94	17	1,197
Total	4,94	17	1,197

Output 23- Distribuição valor médio Escala de racismo moderno

Escala de racismo moderno			
Condicao	Média	N	Erro Desvio
Controlo	3,80	22	1,181
Descategorizacao	3,43	16	,936
Total	3,64	38	1,088

Output 24- Correlação entre Score de TAI e Item 1

		Score TAI	Item1
Formula	Correlação de Pearson	1	-,081
	Sig. (2 extremidades)		,617
	N	40	40
Item1	Correlação de Pearson	-,081	1
	Sig. (2 extremidades)	,617	
	N	40	40

Output 25- Correlação entre Score de TAI e Item 2

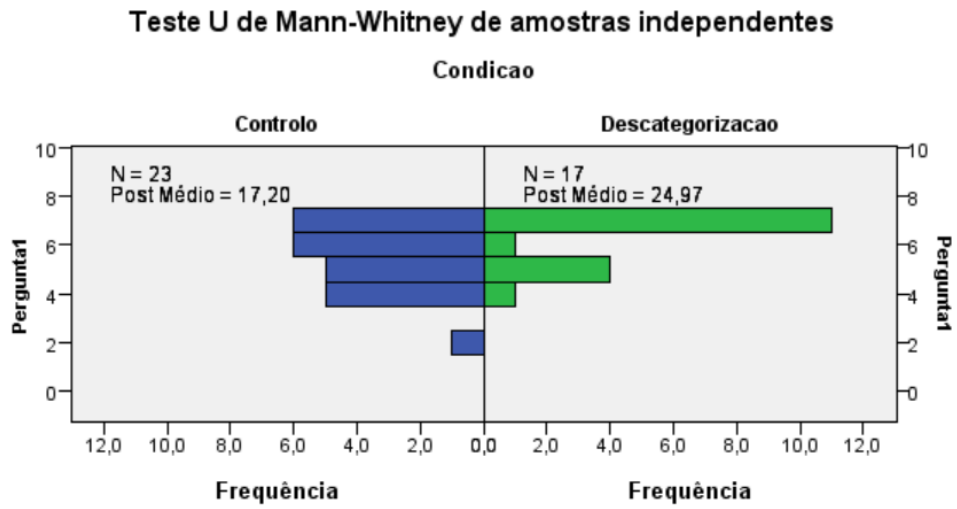
			Score TAI	Item 2
rô de Spearman	Score TAI	Coefficiente de Correlação	1,000	,368
		Sig. (2 extremidades)	.	,146
		N	40	17
	Item 2	Coefficiente de Correlação	,368	1,000
		Sig. (2 extremidades)	,146	.
		N	17	17

Output 26- Teste T-Student de Score TAI (controle vs descategorização)

Estatísticas de grupo					
	Condicao	N	Média	Erro Desvio	Erro padrão da média
Formula	Controlo	23	2,17	3,675	,766
	Descategorizacao	17	3,06	7,907	1,918

		Z	Sig.	t	df
Formula	Variâncias iguais assumidas	7,811	,008	-,477	38
	Variâncias iguais não assumidas			-,431	21,124

Output 27- Teste de Mann Whitney ao Item 1 por fator



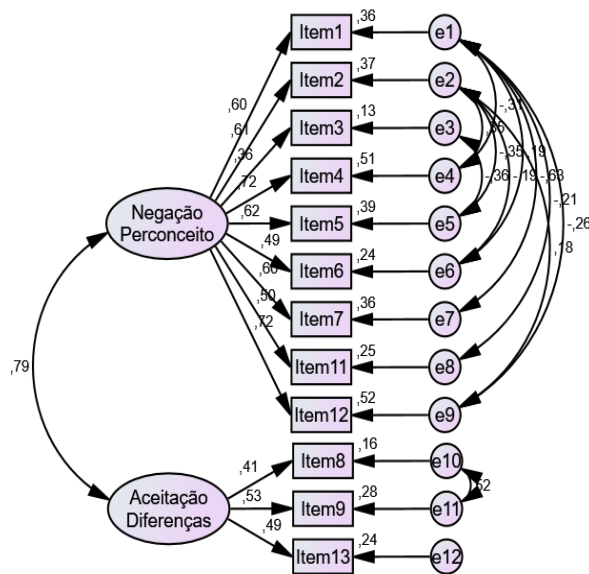
N total	40
U de Mann-Whitney	271,500
Wilcoxon W	424,500
Estatística de teste	271,500
Erro padrão	34,745
Estatística de Teste Padronizado	2,187
Sig. assintótico (teste de 2 lados)	,029
Sig exata (teste de 2 lados)	,037

Output 28- Teste T-Student de Escala de Racismo Moderno (controlo vs descategorização)

Estatísticas de grupo					
	Condicao	N	Média	Erro Desvio	Erro p r
RACISMO	Controlo	22	3,80	1,181	
	Descategorizacao	16	3,43	,936	

Teste de Levene par variânci		
	Z	
ESCALARACISMO	Variâncias iguais assumidas	,262
	Variâncias iguais não assumidas	

Output 29- Análise Confirmatória a dois fatores Escala de Racismo Moderno



X²(42)=50,291; p=,178; X²df=1,197
 ;CFI=,927; TLI=,865
 ;RMSEA=,064; p(rmsea<=0,05)=,351

